



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**MARIA BARBOSA DOS SANTOS GUEDES**

**A PERCEPÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA PRÁTICA  
DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL PELOS EGRESSOS DA DISCIPLINA DE  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Orientadora: Dra. Maíra Lewtchuk Espindola

JOÃO PESSOA – PB

2019

**MARIA BARBOSA DOS SANTOS GUEDES**

**A PERCEPÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA PRÁTICA  
DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL PELOS EGRESSOS DA DISCIPLINA DE  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, em  
cumprimento das exigências parciais para a obtenção  
do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Máira Lewtchuk Espindola

JOÃO PESSOA – PB

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

G924p Guedes, Maria Barbosa Dos Santos.

A PERCEPÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA PRÁTICA  
DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL PELOS EGRESSOS DA  
DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO II DO CURSO DE  
PEDAGOGIA / Maria Barbosa Dos Santos Guedes. - João  
Pessoa, 2019.  
65 f.

Orientação: Maíra Espindola.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Educação Infantil. Afetividade. Formação Docente. I.  
Espindola, Maíra. II. Título.

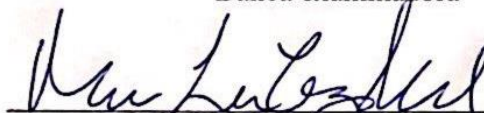
UFPB/BC

**MARIA BARBOSA DOS SANTOS GUEDES**

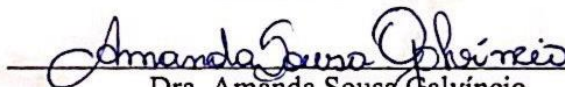
**A PERCEPÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA PRÁTICA  
DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL PELOS EGRESSOS DA DISCIPLINA DE  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II DO CURSO DE PEDAGOGIA**

**Aprovado em 16 de setembro de 2019**

Banca examinadora



Dra. Maíra Lewtchuk Espíndola  
Orientadora – UFPB



Dra. Amanda Sousa Galvêncio  
Examinadora - UFPB



Msa. Patrícia Batista Bezerra Ramos  
Examinadora - UFPB

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, foi quem me deu o dom da vida e a capacidade de lutar por aquilo que sendo movida por inquietações que me fazem ir mais longe. Dedico também à minha mãe que antes de tudo me ensinou a ser forte e nunca desistir, mesmo quando tudo parece conspirar contra mim.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me criou e me sustentou em seu manto de amor, dando-me forças quando tudo parecia está acabado, quando sentir minhas forças se exaurirem. Obrigada!

Aos meus pais, Albino Oliveira dos Santos e Maria Eliete Lopes Barbosa, que me geraram e foram capazes de me amar. A esses tenho um amor imensurável. Obrigada!

Ao meu marido, Valter da Silva Guedes companheiro de todas as horas, que sempre esteve ao meu lado, compreendendo os momentos difíceis pelos quais passei até chegar aqui, e mais do que isso, fazendo o possível para que tudo desse certo. Muito obrigada!

Aos meus filhos, Vitor Gabriel Barbosa Guedes e João Miguel Barbosa Guedes, os quais tanto sacrifiquei para conseguir alcançar esse objetivo. Obrigada, tudo por vocês.

A minha sogra Ana Lícia Da Silva, que sempre se fez presente, e quando necessário assim como minha mãe, não hesitou em deixar sua casa, sua vida na Bahia e vim me ajudar. Muito obrigada!

As minhas irmãs, que sempre tiveram uma palavra de conforto, sempre me ampararam, torceram e acreditaram que eu conseguiria. Colocando sempre meus projetos em oração. Vocês são muito especiais. Obrigada!

Aos meus irmãos que sempre torceram por mim. Gratidão!

A minha turma 2015.1 que sempre me acolheu e apoiou, dividindo comigo a tarefa de cuidar dos meus filhos durante as aulas. Os levarei para sempre em meu coração. Obrigada!

A minha querida professora Dra. Nádia Jane, que com sua prática docente despertou em mim a paixão pela educação infantil e me apresentou a minha orientadora. Muito obrigada!

A professora orientadora Dra. Maíra Lewtchuk Espindola, pela sua competência e seriedade em orientar meu trabalho, sendo sempre acessível e valorizando cada palavra escrita. Muito obrigada!

As professoras da banca que se fizeram presente gentilmente, para apreciar meu trabalho. Obrigada!

Aos queridos professores que tive durante minha trajetória acadêmica que tanto contribuíram para que eu pudesse formar meu ideal de professor/a. Obrigada!

A toda equipe do curso e pedagogia da UFPB, que de forma direta ou indireta contribuíram com a minha formação. Obrigada!

Por fim, minha gratidão a todos os meus amigos e familiares que torceram por mim e contribuíram de alguma forma para que a realização desse sonho fosse possível. Obrigada!

Maria Barbosa dos Santos Guedes

“A afetividade é necessária para a formação de pessoas felizes, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca, pois ela é uma importante aliada nas intenções pedagógicas, responsável por criar vínculos relevantes e imprescindíveis para o Ensino de educação infantil que deverá ser oferecido, segundo a Política Nacional de educação infantil”.

Amorim e Navarro



## RESUMO

O presente trabalho abordou o tema da afetividade na educação infantil: reflexões das práticas de estágio na formação docente dos estudantes da Universidade Federal da Paraíba. Tendo como Objetivo geral: Refletir de que maneira os/as estudantes de pedagogia percebem as práticas de estágio no âmbito da afetividade na educação infantil. E os objetivos específicos foram: Discutir a importância da afetividade na educação infantil; refletir sobre a importância da disciplina de Estágio na educação infantil para a formação docente; analisar como os egressos da disciplina de Estágio Supervisionado II perceberam as práticas de afetividade durante as idas no campo de estágio na educação infantil. Esta pesquisa foi voltada para os/as próprios/as alunos/as da instituição que já tiveram cursado a disciplina de Estágio supervisionado II na educação infantil. Para tanto foi utilizado um questionário contendo questões, tanto voltadas para a afetividade quanto para a formação docente, que de certa forma influencia diretamente nesse processo de afetividade vivenciado ou não por professoras e professores da educação infantil. O objetivo dessas questões foram refletir a importância da disciplina de Estágio na educação infantil para a formação docente e discutir como o/a aluno/a egresso dessa disciplina percebeu as práticas de afetividade durante a ida ao campo de estágio. Ao longo desse trabalho podemos perceber como a teoria da afetividade proposta por Wallon deu suporte para se pensar a indissociabilidade entre o binômio cuidar e educar. De acordo com os resultados obtidos em relação a formação docente podemos perceber que, nas instituições de educação infantil de João Pessoa temos uma variação, que vai desde o magistério ao doutorado, sendo em maior número os professores graduado/as. No tocante as práticas de afetividade podemos concluir que se observou práticas positivas e negativas. As positivas serviram para reforçar o quanto é importante a afetividade na emancipação infantil. Sendo as negativas as que chamaram mais atenção pelo seu número como também pelo impacto que nos foi causado. Por fim foi percebido uma necessidade gritante dos professores da educação infantil levarem mais em consideração que, o ato do cuidar está associado à prática do educar, levando em consideração o desenvolvimento integral da criança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Afetividade. Formação Docente. Cuidar-Educar.

## **ABSTRACT**

The present work concerned the theme of affectivity in Early Childhood Education: Reflections of internship practices in the teacher education of students from Federal University of Paraíba. This research was aimed at the students of the institution who had already attended the Supervised Internship II discipline in Early Childhood Education. To this purpose, a questionnaire regarding both affectivity and teacher education was used, which somehow directly influences this process of affection experienced or not by teachers of early childhood education. The purpose of these questions was to reflect the importance of the discipline of Early Childhood Education for teacher education and to discuss how the student who graduated from this discipline perceived the practices of affection during the internship field. Throughout this work we can notice how the theory of affectivity proposed by Wallon makes up the binomial care and education. According to the results obtained in relation to teacher education, we can see that in CREIs in João Pessoa we have a variation ranging from teaching to doctorate degree, with more quantity in graduated teachers. Regarding the practices of affectivity we can conclude that positive and negative practices were observed. The positive ones aimed to reinforce how important affectivity is in child emancipation. The negative ones were those which drew most attention for their quantity as well as for the impact they had on us. Finally, it was noticed a great need for preschool teachers to consider more carefully the act of caring that is inseparable from the practice of educating considering the whole development of the child.

**KEY-WORDS:** Child Education. Affectivity. Teacher Education. Caring-educate.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. REFLEXÕES SOBRE A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE.....</b>	<b>16</b>
2.1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	17
2.2 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
<b>3. O ENTRELAÇAMENTO ENTRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS, O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E AS PRÁTICAS DE AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: o olhar dos/as alunos/as do curso de pedagogia da UFPB</b>	<b>31</b>
3.1 FORMAÇÃO DOCENTE, ESTÁGIO SUPERVISIONADO E FORMAÇÃO CONTINUADA: relações na perspectiva dos/as estudantes de pedagogia da UFPB .....	32
3.2 A PERSEPÇÃO DA AFETIVIDADE PELOS FUTUROS/AS PEDAGOGOS/AS .	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>61</b>
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIMENTO	62
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO .....	63

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a percepção da importância da afetividade na prática docente da educação infantil pelos egressos da disciplina de estágio supervisionado II do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Durante minha formação, a área que muito nos chamou a atenção foi sem dúvida a da educação infantil. Entendemos esse universo como indissociável da afetividade, visto que as crianças veem a professora como alguém que além de cuidar e educar, as amam e as protegem.

A inquietação sobre esse tema surgiu ainda no quinto período, quando cursamos a disciplina de estágio na educação infantil com a docente Dra. Nadia Jane, no curso de pedagogia na UFPB, sobre o qual nos dirigimos a um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) situado no bairro do Timbó na cidade de João Pessoa, lá pudemos presenciar algumas tratativas dos adultos para com as crianças que me chamaram bastante atenção. De um lado uma professora extremamente atenciosa e carinhosa com as crianças a ponto de levar alguns para sua própria casa nos finais de semana, e do outro contrastando com esse fato, uma outra professora extremamente hostil tratando-as de maneira grosseira. Presenciar os gritos e insultos dirigidos aos/as alunos/as com faixa etária de três à quatro anos nos deixou bastante indignada. Nessa mesma instituição pude observar pessoas sem formação pedagógica cuidando das crianças e muitas vezes tratando-as com agressividade, causando um clima de medo entre os pequenos, bem como cuidadoras sem formação acompanhando crianças com deficiência, que por sua vez requer um atendimento especializado.

Outro fato que nos chamou bastante atenção e influenciou a escolha deste tema de Trabalho de conclusão de curso (TCC), foi o relato de colegas que também estagiaram em CREIs da cidade nesse mesmo período, e no momento de partilharmos nossas experiências do estágio se mostraram indignados com a mesma situação acima citada, foi então que pude perceber que não se tratava de um fato isolado e sim algo corriqueiro que precisa de atenção por parte de todos.

A afetividade é um fator muito presente na vida das crianças desde o seu nascimento sendo de grande relevância para o seu desenvolvimento em toda sua plenitude. Entendendo

que a criança é um ser completo que apresenta vontade de brincar, falar e se expressar pelos estímulos que lhes são proporcionados, isso faz com que a presença dos sentimentos seja indispensável no ambiente na qual ela está. Sendo assim, na instituição de educação infantil a presença de afeto é indispensável, uma vez que precisa existir a afetividade e adultos dispostos a fazerem essa troca de afeto, de maneira que contribuam para o desenvolvimento da criança; sendo necessário que o adulto apresente sentimentos afetivos para com as crianças, para que elas sintam-se seguras, para se expressarem e se desenvolverem.

Ter um ambiente que transmita segurança para a criança é favorável ao seu desenvolvimento, ajudando-as a serem pessoas mais fortes, empoderadas, seguras, enfim o ser em toda a sua plenitude, assim como é de suma importância ter adultos empenhados a proporcionarem um ambiente o mais agradável e seguro possível para os menores. As crianças devem sentir vontade e prazer de sair de suas casas para irem à escola, o adulto com quem ela vai se encontrar a cada dia que chegar a esse recinto, tem uma forte contribuição na satisfação da criança estar ali. Para que o ambiente educacional seja atrativo para as crianças, deve haver a integração do cuidar com o educar e deve estar permeado pelo respeito, carinho, amor, amizade, etc. A instituição precisa ser um espaço de interação, descobertas e construção do conhecimento de maneira lúdica e prazerosa para que as crianças da educação infantil não sintam um peso, e sim, desperte satisfação em estarem ali, para isso, as contribuições e cuidados dos adultos são indispensáveis, uma vez que devem se preocupar com a organização do meio proporcionando um universo que as crianças queiram participar e conhecer.

As crianças, principalmente as da rede pública de ensino, já encontram diariamente dificuldades para irem a instituição, muitas são excluídas do processo educativo por terem que trabalhar para ajudarem no sustento da família, dessa forma se quando elas chegarem ao âmbito educacional encontrarem, hostilidade, maus tratos, humilhações, como essas crianças terão vontade de estar ali no dia seguinte? Como podem ver a instituição de ensino como algo bom que vai lhes proporcionar coisas boas? Muito pelo contrário esses meninos e essas meninas vão sempre associar a educação como algo ruim, que lhes roubam a alegria e que muitas das vezes roubam seus sonhos.

Este tema visa elucidar uma inquietação ocorrida durante o estágio, devido as práticas de alguns profissionais no que diz respeito ao tratamento das crianças. Tendo realizado

pesquisa na área estudada foi encontrado escritos diversos com o tema afetividade na educação infantil, nas quais foram enfatizadas a importância da afetividade na educação infantil e sua contribuição para o processo de emancipação da criança, uma questão bastante relevante, mas, nosso olhar para o assunto gira em torno de como os futuros professores enxergam essa temática. Durante minha prática de estágio pudemos observar que nem sempre a afetividade expressa de forma positiva existe, foi então que decidimos fazer tal abordagem, visto que nenhum outro trabalho já escrito (dentre os que encontrei) enfatizou a questão em destaque.

Neste trabalho, procuramos realizar uma reflexão das práticas de estágio na formação docente, analisando em que medida os egressos da disciplina de estágio supervisionado II perceberam as práticas de afetividade durante as idas ao campo de estágio. Tendo em vista que na nossa atuação enquanto estagiarias foi observado várias situações em que as crianças foram tratados de forma hostil e até agressiva, foi observado também pessoas sem preparo algum e sem nenhum equilíbrio emocional cuidando das crianças, dessa forma surgiu o interesse de refletir de que maneira os egressos da disciplina de estágio supervisionado II perceberam as práticas no âmbito da afetividade na educação infantil e se essa disciplina foi relevante para a sua formação docente.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa (quanto à abordagem). A pesquisa qualitativa trata-se de algo que não pode ser simplesmente quantificado, nessa modalidade de pesquisa os pesquisadores buscam compreender o significado do seu objeto através de dados não só numéricos, mas também relacionados com os significantes culturais e sociais.

A abordagem qualitativa no âmbito das ciências sociais, enfatiza a análise de nível de realidade que não podem ser quantificados, aborda o universo de significados de representações, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, relacionados a um espaço mais profundo das relações, processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de medidas e de variáveis. (MINAYO **apud** BRENNAND; MEDEIROS; FIGUEIREDO, p. 66, 2012).

Tal procedimento facilita a compreensão mais abrangente de fenômenos sociais levando mais em consideração o processo que permeia o produto do que o próprio produto

final. Para melhor compreender a relação teoria e prática no âmbito da afetividade dos/as futuros/as professores/as de educação infantil atualmente alunos/as egressos na disciplina de estágio supervisionado II na educação infantil, foi aplicado um questionário contendo questões abertas e fechadas para melhor abrangência dos fatos e facilitar a reflexão sobre a prática pedagógica. Para as questões fechadas do questionário usei o método de escalonamento (Likert), no qual as alternativas foram organizadas em escala para que a pessoa entrevistada pudesse indicar o seu posicionamento diante da pergunta e nas questões abertas foram formuladas as perguntas para os/as alunos/as responderem livremente relatando suas vivências no estágio.

Por todo o exposto até agora, queremos entender como as práticas de afetividade, importantes para o desenvolvimento infantil, foram percebidas para além da nossa turma de estágio supervisionado II. Dessa forma neste trabalho temos como objetivo principal: Refletir de que maneira os/as estudantes de pedagogia percebem as práticas de estágio no âmbito da afetividade na educação infantil. E os objetivos específicos foram:

- ✓ Discutir a importância da afetividade na educação infantil;
- ✓ Refletir sobre a importância da disciplina de Estágio na educação infantil para a formação docente;
- ✓ Analisar como os egressos da disciplina de Estágio Supervisionado II perceberam as práticas de afetividade durante as idas no campo de estágio na educação infantil.

Esta pesquisa tem relevância, pois entendemos que, quem está na universidade se propondo a estudar pedagogia, mesmo com suas várias áreas de atuação, pode ser professor/a de educação infantil no futuro, e é muito comum essa lacuna da associação do educar e cuidar, da aprendizagem e afetividade.

Inicialmente procuramos no Repositório Institucional da UFPB TCCs com o tema da afetividade na educação infantil e/ou da disciplina de estágio supervisionado II do ano de 2016 até 2019. Só encontramos trabalhos voltados para o/a docente que já atua na educação infantil, então, seria importante trabalhar com a percepção da afetividade pelos/as futuros/as docentes, tendo em vista que na disciplina estágio supervisionado II formamos um arcabouço teórico para pensar a prática docente na educação infantil como indissociável da afetividade e do cuidado.

Ainda durante essa pesquisa, para minha surpresa encontrei um trabalho orientado em 2017 pela minha orientadora Dra. Maíra Lewtchuk Espindola o qual tinha como objetivo principal analisar como as professoras da creche entendem a afetividade na relação/a professor/aa-criança no desenvolvimento infantil. Com o título: **A construção da afetividade no desenvolvimento das crianças pequenas em uma creche do município de Bayeux**. Feita pela aluna Ana Carla França da Silva defendida em 2017.2.

O outro trabalho selecionado que tratava de uma temática parecida com a que pretendia estudar foi o Trabalho de Conclusão de Curso das Alunas Jocelayne Priscila Freire de Lima e Thais Maria dos Santos Silva orientado pela Professora Dra Judy M. G. Rosas, defendido no ano de 2017.1 sobre a temática **DIMENSÃO AFETIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: o que prevê a legislação**

Depois da leitura e fichamento desses TCCs e da seleção de autores para dialogarmos no nosso texto, passamos para a próxima fase que foi a elaboração e a aplicação dos questionários.

Aplicamos os questionários nas três turmas dos últimos períodos de pedagogia para os/as alunos/as que fossem egressos da disciplina de Estágio Supervisionado II na educação infantil. Disponibilizamos 10 questionários por turnos (matutino, vespertino e noturno) contendo 8 perguntas, das quais 5 eram fechadas e 3 eram discursivas. Durante a aplicação dos questionários no dia dois de julho de 2019 no turno da manhã a professora da sala da turma do oitavo semestre não estava presente, os/as alunos/as estavam tendo aula com estagiária de docência a qual me permitiu aplicar o questionário tranquilamente. Na turma da tarde o questionário foi aplicado em uma turma do sexto período na qual nem todos nos receberam com acolhimento, mas mesmo assim dos 10 alunos só um se recusou a responder. A professora da turma que estava em intervalo, ao retornar não se opôs a aplicação do questionário. No turno da noite nesse mesmo dia não tivemos êxito na aplicação do questionário visto que o mesmo só poderia ser aplicado a turmas do sexto, sétimo ou oitavo período que já tivesse cursado a cadeira de estágio supervisionado na educação infantil e a turma do oitavo não teve aula neste dia a do sexto estava fazendo prova e a do sétimo que por coincidência estavam com a mesma professora do turno da tarde não nos permitiu adentrar na sala para aplicar o questionário, mesmo estando acompanhada pelos meus filhos um de 7 anos e outro de 1 ano por não ter com quem deixá-los.



Voltando a universidade no dia seguinte, dia três de julho de 2019 no turno da noite, a professora do sétimo período nos deixou aplicar o questionário, mas na condição de esperar acabar uma apresentação de seminário que estava acontecendo naquele local, entrei na sala e esperei acabar a apresentação, mas, ao termino quando conversei com a turma só 2 pessoas tinha o pré-requisito para participação da pesquisa. Nos dirigimos a outra sala onde o/a professor/a me deixou aplicar depois da sua aula, prontamente esperei e após a aula eu apliquei os oito questionários que faltavam. Por fim, analisamos e discutimos dados recolhidos nos questionários aplicados, fazendo um diálogo com os documentos oficiais que regem a educação infantil e os teóricos os/as alunos/as dessa problemática.

Esse trabalho está dividido em três partes. Além desta introdução, na qual explicamos os objetivos e a metodologia da pesquisa, realizamos um capítulo intitulado “Reflexões sobre a afetividade na educação infantil e sobre a importância do estágio para a formação docente”, no qual trazemos um aporte teórico para pensarmos nossa pesquisa. No segundo capítulo intitulado “O entrelaçamento entre a formação de professores/as, o estágio supervisionado e as práticas de afetividade na educação infantil: o olhar dos/as alunos/as do curso de pedagogia da UFPB”, discutimos os resultados que recolhemos pelos questionários. Por fim, apresentamos nossas considerações finais, pretendemos, a partir deste estudo, contribuir para a discussão sobre a importância do estágio supervisionado e da afetividade na educação infantil.

## **2. REFLEXÕES SOBRE A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE**

Neste capítulo realizamos uma discussão teórica sobre os autores da área da afetividade na educação infantil e de formação de professores, os quais contribuíram para a fundamentação da pesquisa realizada em campo.

## 2.1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A afetividade na educação infantil vem ganhando visibilidade nos últimos anos, a criança que antes era vista como um pequeno adulto, hoje é percebida em sua totalidade infantil. A Lei de Diretrizes e Base da Educação 9394 de 1996 (LDB) (BRASIL, 1996) orienta que a educação infantil compreenda o período de 0 à 5 anos e tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996).

O cuidado está inserido como uma das atribuições da educação infantil segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) o ato de cuidar tem como objetivo contribuir na emancipação do outro.

[...] A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos.

[...]O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados. (BRASIL, 1998, p. 24).

A afetividade contribui consideravelmente para o desenvolvimento infantil, sendo relevante para fortalecer laços entre educador e educando estabelecendo ali uma relação de confiança se tornando um campo fértil para o aprendizado. Segundo Ferreira e Ancioly-Régnier, (2010, p. 26), o conceito de afetividade como “o domínio funcional que apresenta diferentes manifestações que irão se complexificando ao longo do desenvolvimento e que emergem de uma base eminentemente orgânica até alcançarem relações dinâmicas com a cognição, como pode ser visto nos sentimentos”.

Os mesmos autores se utilizam da teoria de Wallon destacando a importância da afetividade no processo de desenvolvimento da personalidade da criança, que se iniciaria de

forma sincrética e gradativamente adquiriria contornos mais nítidos através dos processos de diferenciação.

Wallon concordava com a teoria freudiana, e com os teóricos do desenvolvimento da época, de que o recém-nascido, em decorrência de sua indiferenciação somato-psíquica, expressava a afetividade de forma sincrética a partir das experiências de bem-estar ou mal-estar propiciadas pelas relações do organismo com o meio interno e externo. O seio materno representa este momento no qual o saciar da fome mescla-se com o surgimento das primeiras experiências amorosas. E ao longo do desenvolvimento a afetividade vai alternando com o conjunto funcional cognitivo em um movimento dialético ora centrípeto e ora centrífugo, e que inclui ainda o conjunto motor, como base de sustentação e expressão. (AURINO; ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p. 27).

Assim, podemos compreender a afetividade, de forma ampla, como um conjunto funcional que envolve o orgânico perpassando pela relação com o outro e se concretizando como algo fundamental na formação do ser humano, sendo ela indispensável e indissociável da prática pedagógica em toda a sua dimensão.

A afetividade é atualmente um dos pontos mais relevantes na educação infantil e, por isso, se exigem profissionais qualificados para atender as crianças no processo de desenvolvimento e de descoberta na fase a qual se encontram. Quanto a afetividade na instituição, Amorim e Navarro (2012, p. 02) colocam que:

A afetividade é necessária para a formação de pessoas felizes, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca, pois ela é uma importante aliada nas intenções pedagógicas, responsável por criar vínculos relevantes e imprescindíveis para o Ensino de educação infantil que deverá ser oferecido, segundo a Política Nacional de educação infantil.

Infelizmente não nos deparamos diariamente com a empatia nas unidades escolares somos surpreendidos constantemente com falta de paciência e com pessoas que não estão preparadas para cuidar e educar as crianças, dessa forma não contribuem para formação significativa da mesma, e por sua vez acabam gerando um quadro de insegurança, angustia e medo nos pequenos, dificultando sua plenitude no desenvolvimento. É importante ressaltar que esse quadro que ocorre nas instituições de educação infantil não são apenas decorrentes da falta de formação profissional dos adultos que cuidam e educam essas crianças, existem

outros fatores relevantes como: a falta de plano de carreira, salários baixos, professores/as contratados, falta de condições físicas, turmas com excesso de crianças, entre outros problemas.

Cerizara (1997, p. 45) traz uma importante consideração sobre a formação do intelecto de uma criança:

A vida intelectual requer alguns instrumentos necessários à sua realização, tal como a linguagem, que é construída na vida social. Sendo a vida emocional o primeiro terreno das relações interindividuais de consciência, ela é também uma das condições necessárias à vida intelectual. Emoção e inteligência mantem continuas relações.

Dessa forma cabe o entendimento que é na infância que o intelecto é constituído, por sua vez não é algo solto e indissociável, algumas ferramentas são vinculadas a esse fato. O intelectual está diretamente ligado ao emocional e a aquisição da linguagem, é necessária uma condição emocional satisfatória para que possam se desenvolver as várias áreas da inteligência. A criança precisa ser considerada em toda sua plenitude, ter um ambiente tanto em casa quanto na unidade educacional que favoreça seu crescimento intelectual, suas relações afetivas devem lhe transmitir segurança e conforto. De acordo com a autora a emoção e a inteligência estão diretamente ligadas.

Segundo a autora, muitos psicólogos enxergam o processo de desenvolvimento infantil como algo que parte do interno para o externo em um processo linear e que não pode ser revertido, mas a teoria Waloniana apresentada por ela mostra tal processo como sendo um caminho sinuoso e de mão dupla, como uma troca entre o interno e o externo. Ainda segundo Cerisara (1997 p. 47):

O desenvolvimento da pessoa que levará à construção do Eu evidencia um percurso com as seguintes características:

- Busca de integração entre afetivo-cognitivo e entre corporeamente;
- Contradição dinamogênica entre os aspectos endógenos do indivíduo (emoção e razão) e os aspectos exógenos (eu e o outro);
- O desenvolvimento é entendido como um processo de diferenciação e de individuação que envolve dois níveis: o eu do outro (exterioridade) e o das funções internas (afetividade/cognição, sensorio/motorônico e cinético)

Nessa perspectiva o afetivo é vinculado ao cognitivo, a construção da criança se apresenta ligada também as suas emoções e razões e também a si mesmo e ao outro, nesse processo um passo importante para a formação individual é ter o entendimento de onde termina o eu e onde começa o outro.

Nesse contexto de afetividade e de reconhecimento do próximo não podemos deixar de citar a prática pedagógica, pois são esses/as professores/as das crianças de zero à cinco anos, que lidam com elas diariamente. Devemos levar em consideração que esses/as docentes também enfrentam desafios diários, e mesmo devemos lembrar, que essas pessoas podem não ter tido uma formação que enfatizasse a importância da afetividade na prática de educar/cuidar das crianças tão pequenas, talvez esses profissionais também estejam movidos/as por suas experiências vividas e por aquilo que julgam importante. Como coloca Cerisara (1997, p. 48) as trocas de afeto da criança para o adulto e do adulto para a criança, tem diferentes formas de acontecer, seja, com o contato da pele, o tom de voz ou mesmo um olhar, para a autora o reconhecimento dessas diferentes formas de trocar afeto com as crianças requer pessoas preparadas profissionalmente e seres humanos capazes de sentir a sensibilidade dessa fase da vida.

O que nos leva a pensar que a prática pedagógica das educadoras que trabalham com meninas e meninos de 0 a 6 anos exige, de um lado, uma formação profissional específica e, de outro revela que esta prática social não pode ser analisada como um simples espelho de tal formação, uma vez que também está determinada pelos valores e saberes culturais dessas profissionais, produzidos a partir de sua classe social, sua biografia, raça, religião, sexo e do trabalho concreto que realizam. (CERISARA, 1997 p. 49).

É necessário e indispensável a formação de professores para trabalharem com crianças, mas tais profissionais não agem apenas segundo sua formação visto que não são neutros no processo de cuidar e educar. Eles/as são influenciados pelas suas experiências de vida e profissionais e por sua vez também transmite as crianças suas experiências, dessa forma é importante uma reflexão diante das suas atitudes para não transmitirem aos seus educandos suas frustrações, tornando o ambiente insalubre para as crianças.

Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois é possível afirmar que estão diretamente relacionados com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Dessa maneira, pode-se supor que tais experiências vão marcar e conferir aos objetos culturais um sentido afetivo. (LEITE; TANSONI, 2002, p. 03).

É comum na educação infantil as crianças serem flagrados imitando os/as professores/as, essa atitude se reflete positivamente e negativamente. Assim é importante pensar que a todo momento os/as educadores estão sendo observados/as e é com suas práticas em sala que as crianças mais aprendem. Um/a docente que trata as crianças de forma respeitosa, acaba estimulando as crianças tratarem uns aos outros da mesma maneira. Quando um/a professor/a atende as crianças aos gritos e insultos é esse mesmo comportamento que elas irão reproduzir, é dessa mesma forma que eles irão tratar uns aos outros. Não queremos aqui dizer que o/a professor/a é a única referência das crianças, o único modelo que elas possuem. Muitos trazem de casa, do exemplo da família sua forma de ser e de tratar os/as colegas e os/as professores/as, reproduzindo ali as experiências do meio em que vivem. É muito comum crianças que vivem em situações de vulnerabilidade sem perspectiva e muitas vezes é no âmbito educacional o único lugar que são vistos como crianças e tratados com respeito, se ao chegarem no ambiente escolar derem de cara com mais uma forma de ser que não os respeitam e não os levam em consideração como crianças que são, elas vão reforçar que a violência, a agressividade, a forma desrespeitosa de tratar o próximo é a única maneira de viver, e são esses comportamentos que vão ficar registrados em suas memórias e serão posteriormente e imitados.

Leite e Tanson (2002., p. 05) citando Wallon ( 1978) refletem: “por sua vez, afirma que a criança acessa o mundo simbólico por meio das manifestações afetivas que permeiam a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam. Defende que a afetividade é a fonte do conhecimento”. Para Wallon as emoções estão ligadas aos desenvolvimentos genéticos e cognitivos e é na medida que as crianças se desenvolvem que as emoções também se transformam acompanhando seu novo estado psíquico que por sua vez amadurece e transferem as emoções para um campo de mais difícil compreensão (LEITE; TANSONI, 2002).

Devemos chamar a atenção principalmente para os/as professores/as de crianças muito pequenas que ainda não traduzem em palavras seus sentimentos, pois elas, através dos gestos e comportamentos, refletem seus medos inseguranças, satisfações e insatisfações. Segundo Wallon (**apud** LEITE; TANSONI, 2002, p. 13): “Enquanto não aparece a palavra, é o movimento que traduz a vida psíquica, garantindo a relação da criança com o meio”. Assim sendo se faz necessário um meio harmônico que traduza a afetividade no processo de cuidar e educar dos/as professores/as. Nos casos das crianças maiores a afetividade não é entendida apenas como forma de tratar as crianças ou mediar seus conflitos, mas também segundo o autor é “Adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meios para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas, são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva”. (Wallon **apud** LEITE; TANSONI, 2002, p. 13).

A afetividade está compreendida em todos os aspectos que permeiam a educação e se faz necessário uma compreensão ampla desse processo de “afetividade e educação” , diante de tantos estudos e teóricos que abordam o tema não podemos mais presumir que os processos educacionais estejam relacionados apenas com o cognitivo pois a afetividade ou a falta dela pode ter um aspecto positivo ou negativo nesse processo, dessa forma tanto pode ajudar a criança a sair de uma condição de pouco conhecimento para uma condição de mais conhecimento como também a falta de um/a profissional sensível as dificuldades delas pode barra o processo de aprendizagem das mesmas. É sabido que quando o/a professor/a transmite o conteúdo de uma maneira dinâmica e lúdica, deixando as crianças a vontade para possíveis questionamentos e dúvidas o aprendizado flui de maneira muito mais positiva, se caracterizando como afetividade no ato de educar (Wallon **apud** LEITE; TANSONI, 2002, p. 13).

O auto Leite e Tansoni (2002, p. 16) enumeram cinco decisões importantes que deve ter o/a profissional antes de pensar em atividades propostas para as crianças, das quais duas nos chamaram a atenção e estão mais voltadas para o público que aqui nos referimos.

1) Para onde ir – a escolha dos objetivos de ensino.

A escolha dos objetivos de ensino nunca foi uma questão técnica; ao contrário, é uma decisão que sempre reflete valores, crenças e determinadas concepções de quem decide, seja um professor ou uma equipe de trabalho.

Por exemplo: a decisão sobre os objetivos da alfabetização escolar reflete inúmeras concepções do corpo docente, tais como concepção de escrita, concepção sobre o papel da escrita no desenvolvimento da cidadania, concepção de leitura, concepção sobre o papel do aluno, etc.

A primeira trata da escolha dos temas que por sua vez nem sempre é levado em consideração o contexto da criança, o qual daria muito mais sentido a aprendizagem lhes causando muito menos sofrimento e insegurança no processo de aprendizagem. Com tudo os autores consideram ainda que a escolha de conteúdos relevantes na visão da crianças constrói vínculos afetivos entre o sujeito e o objeto de estudo.

4) Como ensinar – a escolha dos procedimentos e atividades de ensino. A escolha das atividades de ensino é um aspecto bastante discutido pois envolve a relação/a professor/a-aluno naquilo que ela tem de mais visível. São relações observáveis, geralmente com efeitos prontamente identificados na própria situação. Nesta dimensão, são indiscutíveis os aspectos afetivos envolvidos, o que talvez explique a preferência das recentes pesquisas que têm estudado a afetividade em sala de aula através da relação/a professor/a-aluno. (LEITE; TANSONI, 2002, p. 18).

A relação professor/a e criança de forma positiva é um campo fértil ao aprendizado, que podem render bons frutos. Por outro lado, são perceptíveis os efeitos de uma relação mau construída entre ambos, pois afeta diretamente a fluidez do aprendizado, podendo ainda causar um clima de tensão para ambas as partes.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O curso de Pedagogia da UFPB traz em seu Plano Político Pedagógico (PPP) alguns dos seus objetivos para formação docente que não especifica claramente a importância da abordagem afetiva para a prática docente com crianças de zero a cinco anos e em toda sua trajetória escolar, visto que o/a pedagogo/a pode atuar também no ensino fundamental, nas



series iniciais, bem como, pode atuar em coordenação pedagógica com qualquer faixa etária. Esses objetivos pautam-se em:

- Contribuir para a formação da consciência críticas dos futuros profissionais da educação;
- Avançar na construção de uma teoria geral da educação;
- Contribuir para formação de profissionais que tenham condição de assumir docência no campo da educação infantil e do Ensino Fundamental e coordenar experiências pedagógicas em educação formal e não formal (Projeto..., 2006, p.08).

Assim, para o desenvolvimento integral das crianças precisamos de diversas teorias que tragam o protagonismo infantil, a importância da formação dos/as profissionais, a relação adulto/criança, a afetividade, entre outros temas que devem permear as disciplinas do curso de pedagogia.

No capítulo sete (Projeto..., 2006, p.14) que trata das competências, atitudes e habilidades, dentre outras, destacamos a seguinte passagem:

- Atuar com ética e compromisso com vistas a construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;
- Compreender, cuidar, educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social;
- Fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria;
- Reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais e afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas;

Diante do exposto em relação ao que diz o PPP da UFPB ficam os questionamentos: É possível compreender, cuidar, educar crianças tão pequenas se não houver a prática da afetividade nas ações do/a professor/a? É possível fortalecer o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças, psicológicas, intelectual e social, sem tratá-las com no mínimo respeito e dignidade? É possível reconhecer e respeitar as manifestações sobretudo emocionais e afetivas dos/as estudantes sem agir com sensibilidade e tato humano com os mesmos? A respostas para tais perguntas é negativa, não tem como humanizar a prática pedagógica se não houver imbricado nas relações o afeto, como citado anteriormente seja no

olhar, no tom de voz e até mesmo nas intervenções realizadas em sala. A ementa da disciplina de Estágio Supervisionado II na educação infantil diz que:

Estudo avaliativo sobre a prática pedagógica da educação infantil, objetivo do próprio estágio, considerando as implicações teórico-metodológicas relacionadas às questões de observação e prática do estágio, enquanto situação de aprendizagem da sistematização da prática pedagógica, caracterização e avaliação da participação do estagiário enquanto sujeito da formação no processo de desenvolvimento do estágio. (Projeto..., 2006, p. 77).

O tempo de estágio é considerado pouco para colocarmos para a necessidade da disciplina, quando chegamos no campo de estágio nos deparamos com uma realidade empírica. São salas lotadas, crianças que vem de uma realidade de vulnerabilidade e muitas vezes refletem na instituição a cultura da violência em que vivem, algumas não tem o que comer em casa e contam com o lanche para saciarem a fome. Os/as profissionais muitas vezes não possuem formação para lidar com as adversidades encontradas, muitas vezes os/as professores/as estão insatisfeitos/as, recebem pouco, não possuem plano de carreira e acabam tendo que enfrentar uma rotina cansativa de mais de um emprego, o que os/as deixam sobrecarregados/as, e muitas vezes acabam por negligenciar suas práticas pedagógicas. Nesse sentido cabe uma ligeira reflexão por parte dos/as estudantes de pedagogia da profissão que futuramente irão exercer, pois podem se deparar com as mesmas dificuldades, mas se faz necessário adotar uma postura de acolhimento, compreensão e principalmente de afeto.

O/a professor/a não pode ser visto apenas como um técnico capaz de aplicar seus conhecimentos teóricos metodológicos e práticos em sala, a profissão docente não pode ser entendida como essencialmente instrumental, segundo Azevedo (2013), tal perspectiva, por um lado, idealiza e supervaloriza o conhecimento científico e a técnica e, por outro, desconsidera a complexidade da prática pedagógica, bem como o processo de elaboração/reelaboração de conhecimentos no âmbito da educação. A prática docente, principalmente com crianças, não pode se pautar apenas na aplicação de atividades, é preciso que haja uma compreensão do ser humano como todo para melhor contribuir com sua expansão.

Um curso de 3 ou 4 anos de duração que precisa formar o/a professor/a para atuar na educação infantil e nas series iniciais (1ª à 4ª série) do Ensino Fundamental não pode dar conta da especificidade desses níveis pela complexidade que permeia o trato com crianças que se encontram em diferentes fases de desenvolvimento em seus aspectos físicos, social, cognitivo, emocional. (AZEVEDO, 2013, p. 75).

Segundo Azevedo (2013) é possível constatar programas de disciplinas que enfatizam discursões centradas na aplicação de uma determinada metodologia para a educação infantil, algo como um roteiro a ser seguido, como se as crianças fossem todas iguais e o que desse certo para uma poderia ser estendido para todas, passando superficialmente por algumas informações sobre a política educacional e, ainda, privilegiando discursões voltadas para as crianças maiores, de quatro e cinco anos em detrimento das menores de até três anos. Ainda segundo a autora isso significa por limites a formação docente a uma única forma de trabalho, sem criticidade e sem argumentos prévios que dê condições para o/a futuro/a professor/a formar sua concepção de criança e educação infantil.

Situações como essa Infelizmente têm sido frequentes em cursos que formam professores para atuar na educação infantil. Independentemente do nível, médio ou superior, geralmente não contemplam aspectos específicos daquela educação, ou fazem de forma pouco eficaz, pois enfatizam o ensino de regras e procedimentos sem articulá-los com ações práticas.

Do outro lado, fora dos muros das instituições formadoras, os professores já “formados”, que estão atuando na escola, revelam na sua prática diária a necessidade de conhecimentos relativos à infância, ao desenvolvimento infantil, à organização do trabalho pedagógico e, principalmente, mostram acríticos e sem autonomia para encaminharem seu trabalho, ficando vulneráveis a aceitação de propostas que lhes são “gentilmente sugeridas”, ou mesmo impostas. Além disso, não há articulação entre a formação inicial e a formação continuada, o que tem levado essa última a se limitar a práticas compensatórias em relação a formação inicial com os “treinamentos”, “reciclagens” e “capacitações” de curta duração. (AZEVEDO, 2013, p. 77).

O descaso com a educação infantil vem desde a formação docente, passando pela desvalorização profissional, na qual professores/as do ensino fundamental e/ou ensino médio tem mais prestígio nas instituições, e isso abrange também a remuneração salarial e até mesmo o respeito enquanto docente, que tem seu trabalho muitas vezes visto como “menos importante” . (AZEVEDO, 2013). Há um entendimento que o/a professor/a da educação infantil, apenas cuida, pouco se sabe que o ato de cuidar está intrínseco na relação de educar

no que diz respeito a crianças com menos de cinco anos. Devido a essa desvalorização profissional muitas vezes o/a professor/a precisa buscar em outra instituição de ensino um novo salário para auxiliá-lo nas suas despesas, o que as tornam uma pessoa mais cansada e menos capaz de buscar conhecimento sobretudo em áreas de aprofundamento ou cursos de capacitação. Deixando realmente o trabalho com a educação infantil precário e amador, submetido a um conjunto de técnicas e regras colocando todas as crianças em um mesmo patamar. É necessária uma consciência muito bem formada da importância da educação infantil e do/a profissional que atua nessa área para que com todas as dificuldades encontradas o mesmo não se conforme apenas com a graduação e busque outras instâncias de conhecimento.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, segundo Azevedo (2013). O atendimento infantil foi ampliado e isso refletiu-se de forma positiva, com a conquista do direito das crianças de até 6 anos a creches e pré-escolas. Havia ali um importante ganho para a infância, sendo reconhecida a partir daquele momento como um ser social.

A promulgação da constituição Federal de 1988, a que traz significativo reconhecimento ao direito social da criança menos de 7 anos à educação, afirmando suas necessidades de “cuidado e educação” e estabelecendo-as como funções “indissociáveis” nesse atendimento. A nova carta contribuiu, assim, para a tentativa de superação do caráter assistencialista e dualista (creche/pré-escola) que, historicamente, orientou esse atendimento, atribuindo-lhe caráter único de educação infantil. (AZEVEDO, 2013, p. 78).

Nessa perspectiva surge a esperanças de mais investimentos na formação de professores para esta área, tal conquista para as crianças não poderia deixar de passar por melhoria no atendimento das mesmas, visto que as instituições não mais só cuidavam, mas também, foi reconhecido ali sua função educativa e para tanto ansiava por profissionais capacitados (AZEVEDO, 2013).

Ainda conforme Azevedo (2013 p. 79), o surgimento do Estatuto da Criança e do adolescente (ECA - Lei 8.069, de 13 de julho de 1990) contribui com a “definição de um sistema de elaboração e fiscalização de políticas públicas voltadas para a infância, visando impedir desmandos de verbas, assim como violações do direito das crianças, e influenciou

também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que transitava na câmara Federal naquela época” .

Com as mudanças citadas acima, era inconcebível pensar em um/a profissional que desse continuidade ao sistema de cuidados negligenciando a prática do educar. Era necessário montar um novo perfil para a atuação na educação infantil. Não cabia mais no novo cenário apenas um cuidador era necessário a capacidade do cuidar e educar nas novas práticas, e para tanto necessitava realizar mudanças no perfil dos/as profissionais e dos próprios cursos de pedagogia.

Em 1993, o MEC, através da coordenação de educação infantil (MEC/SEF/COEDI), elabora uma “proposta de política para a educação infantil, em reconhecimento à educação infantil, destinada às crianças de até 6 anos, é a primeira etapa da educação básica, indispensável à construção da cidadania”. Tal proposta aponta em seu texto diretrizes pedagógicas a algumas ações prioritária a serem realizadas e colabora, também, para que se comece a pensar em um novo perfil de professores para o trabalho com crianças de até 6 anos.

Essa proposta teve como objetivos “i) expandir a oferta de vagas para a criança de até 6 anos; ii) fortalecer, nas instâncias componentes, a concepção de educação infantil definida nesse documento e iii) promover a melhoria da qualidade do atendimento em creches e pré-escolas.” Fundamenta-se “numa concepção de criança como cidadã, como pessoa em processo e desenvolvimento, como sujeito ativo na construção do seu desenvolvimento, como sujeito ativo na construção do seu conhecimento” (AZEVEDO, 2013, p. 79-80).

Considerando que a primeira etapa da educação da infância, compreendida até os cinco anos de idade é indispensável para a construção da cidadania, é possível afirmar que é que as crianças precisam se sentirem seguras, amadas e respeitadas. Vale ressaltar que é nessa fase da vida educacional que se faz necessário um/a profissional comprometido e ciente do seu papel de educar/cuidar respeitando as singularidades infantil.

O binômio cuidar-educar deve fazer parte da prática docente para crianças de zero a cinco anos, dessa forma não deve ser dissociado. Como aponta Azevedo (2013), a fundamentação da educação infantil e a formação de seus/uas professores/as deve visar sempre essas duas dimensões como iguais no nível de importância do desenvolvimento das atividades cotidianas. A autora chama atenção ainda: “Se a educação infantil se fundamenta

no binômio cuidar/educar, a formação de seus professores deve também pautar-se nele” (AZEVEDO, 2013, p. 82).

Azevedo (2013) cita as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), a criança é um ser que não permite divisão, pessoas que aprendem a viver consigo mesmo e com a sociedade de maneira gradual. Cuidar e educar de crianças de até cinco anos pressupõem uma reflexão de para que sociedade essa criança está sendo capacitada, e a partir daí como serão desenvolvidas as práticas pedagógicas para que os menores e suas famílias sejam incluídos em um contexto de cidadania. Para garantir que isso se suceda as Diretrizes traçam alguns princípios orientadores:

- a. Princípios Éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum;
  - b. Princípios Políticos dos direitos e deveres da cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
  - c. Princípios Estéticos da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade, da qualidade e a diversidade de manifestações artísticas e culturais.
- (AZEVEDO, 2013, p. 91).

Para fortalecer a educação infantil e prepara para se trabalhar com as diversidades da primeira infância, Azevedo (2013) cita a realização dos Referenciais para a Formação de Professores, divulgado em 1999, o qual levou em consideração os estudos sobre a realidade docente em nosso país:

- O trabalho do/a professor/a visa o desenvolvimento dos/as alunos/as como pessoas, nas suas múltiplas capacidades e não apenas a transmissão de conhecimento. Isso implica uma atuação profissional não meramente técnica, mas também intelectual e política.
  - O necessário compromisso com o sucesso das aprendizagens de todos os/as alunos/as nas creches e nas escolas de educação infantil e do Ensino Fundamental exige que o/a professor/a considere suas diferenças culturais, sociais e pessoais e que, sob hipótese alguma as reafirme como causa de desigualdade ou exclusão.
  - O desenvolvimento de competências pelos professores exige metodologias pautadas na articulação teoria-prática, na resolução de situações-problema e na reflexão sobre a atuação do/a professor/a.
- (AZEVEDO, 2013, p. 93).

A autora finaliza seu trabalho dando ênfase na formação de professores/as chamando a atenção para a contribuição por parte dessa nova formação docente para a mudança do atual

modelo que favorece o aspecto “instrumental”, para outro que priorize a produção de “conhecimentos e a autonomia”, no qual a teoria e a prática caminham juntas e são igualmente importantes. (AZEVEDO, 2013, p. 95). A teoria e a prática no curso de formação de professores/as se faz necessário devido ao enorme desafio que se enfrenta nas salas e para tanto precisamos estar munidos dos conhecimentos teóricos, para não caímos no achismo e nos faltar competências e argumentos para aplicar e defender nossas concepções educacionais, caso isso não ocorra podemos nos tornar reprodutores de técnicas de educar. Por outro lado, a prática nos faz vivenciar situações na qual aprendemos muito, cada crianças que está em uma sala tem uma cultura diferente, um jeito de ser e aprender diferente que nos possibilitam viver novas experiências, com a prática é possível também compreender a totalidade e diversidade da sala, é possível entender o que pode ou não dar certo e pensar em novas maneiras de fazer aquilo que por ventura não tenha contemplado nossos objetivos.

Segundo a autora, ao passar do tempo várias mudanças ocorreram no contexto infantil, mudanças essas que requer um acompanhamento no fazer educação.

A concepção de criança por exemplo que por muito tempo foi de adulto em miniatura passou a ser de criança como ser histórico e social, de uma mãe indiferente, para uma mãe coruja, superprotetora, de um atendimento feito em asilos, e por adultos que apenas gostassem de cuidar, para um feito em uma instituição educativa fundamentada no aparato legal, por um professor da área do qual se exige formação adequada para lidar com as crianças. (AZEVEDO, 2013, p. 96).

Diante do exposto a autora coloca como necessário se repensar os cursos de formação de professores/as e respectivamente as disciplinas de estágio docência:

Porém a despeito do tipo de atendimento oferecido, o que nos interessa discutir é o caráter desse atendimento enquanto influente no modelo de formação de professores, pois, mesmo a história tendo deixado suas marcas assistencialistas, não podemos deixar de reconhecer que a ação educativa sempre esteve presente, mesmo que de forma não intencional. Penso que o ponto de partida para a solução do problema é a compreensão da concepção de infância e de educação infantil que estão subjacentes ao trabalho de formação dos professores. (AZEVEDO, 2013, p. 98).

Na dicotomia cuidar educar e no dilema de que o/a professor/a não se formou para “trocar fraldas” ou de que a assistente não ganham suficiente para auxiliar em atividades

pedagógicas vão se perdendo momentos valiosos de contribuição para o crescimento da crianças, pois no ato de trocar uma fralda, dependendo de como o faça, das palavras que lhes são proferidas naquele momento, pode ter significando um mundo para as crianças, que vai desde estimular a ampliação do seu vocabulário, estimular sua percepção, atenção e etc.(AZEVEDO, 2013, p. 100).

A autora finaliza dizendo que; “O/a professor/a da educação infantil, diferentemente dos demais trabalham com a educação da infância, e esta é uma especificidade, em relação aos demais professores que não podem estar ausentes dos estudos e discussões da formação dos professores dessa área”. (AZEVEDO, 2013, p. 103). É importante que na formação de professores/as para a educação infantil, esteja bem claro e definido o binômio cuidar/educar. É necessário que durante esse processo de formação seja dado ênfase na diferença que há entre um/a professor/a do ensino fundamental e dos anos subsequentes para os da educação infantil, que por sua vez não se ocupam a penas de ensinar lições, mas sim ajudam crianças pequenas a se desenvolverem em vários aspectos, até mesmo o ato de cuidar trás imbricado ensinamentos e trocas que a criança faz com o adulto que lhes acrescentam aprendizados, e é nesta fase da vida que o emocional tem ligação direta com o aprendizado, sendo necessário que o ambiente que é oferecido para essas crianças seja o mais seguro possível e com profissionais que tenham bem definido seu papel como educador. No próximo capítulo discutimos os dados recolhidos na nossa pesquisa, a base teórica exposta até agora nos auxiliou na construção dos instrumentos metodológico e na sua posterior análise.

### **3. O ENTRELAÇAMENTO ENTRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS, O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E AS PRÁTICAS DE AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: o olhar dos/as alunos/as do curso de pedagogia da UFPB**

Neste capítulo trabalhamos as análises da pesquisa realizada na UFPB nos três turnos com os/as alunos/as que já cursaram a disciplina de Estágio Supervisionado II em educação infantil, fazendo um diálogo com os autores estudados no item passado. Os questionários



constam de 10 perguntas direcionadas tanto para o campo afetivo quanto para a formação de professores.

Das dez perguntas quatro foram voltadas para a formação de professores são elas: 1, 2, 7, 10. As outras seis estão pautadas no quesito da afetividade são as perguntas 3, 4, 5, 6, 8, 9. Para manter preservada a identidade dos/as alunos/as que contribuíram para a pesquisa e facilitar no momento das análises, os entrevistados foram chamados de “E”, assim os questionários foram da “E1” ao “E29”.

### 3.1 FORMAÇÃO DOCENTE, ESTÁGIO SUPERVISIONADO E FORMAÇÃO CONTINUADA: relações na perspectiva dos/as estudantes de pedagogia da UFPB

O RCNEI (BRASIL, 1998) traz como perfil do/a professor/a da educação infantil, um/a profissional dinâmico capaz de transitar em várias áreas de conhecimento bem como aqueles com habilidades para o cuidado com as crianças, visto que considera o binômio cuidar/educar como práticas indissociáveis que estão diretamente ligadas ao/a professor/a da educação infantil.

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o/a professor/a tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao/a professor/a cabe trabalhar com conteúdo de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. (BRASIL, 1998, p. 41).

Nessa perspectiva o curso de formação de professores para a educação infantil (Curso de Pedagogia) da UFPB traz em seu currículo a disciplina de Estágio supervisionado II. Esta disciplina trata de colocar em prática através do campo de estágio as experiências aprendidas em sala de aula, visando capacitar de maneira eficaz seus/uas alunos/as para atuarem como

profissionais da área. Foi buscando entender como se dá esse conhecimento que buscamos tal tema, para afim de saber como os estudantes de pedagogia percebem suas práticas de estágio, visto que, após as observações e intervenções realizadas por nos estagiários no decorrer da disciplina contamos também com a realização de relatórios nos quais explicitamos através do diálogo com os teóricos da área, nossas experiências vivenciadas.

Para dar continuidade as análises das questões, vale salientar que: das dez questões elaboradas, quatro foram a respeito da formação docente, são elas a 1, 2, 7 e 10. A questão 1, se refere a importância que os estudantes atribuem a disciplina de Estágio supervisionado II na educação infantil para a sua formação de pedagogo(a). As alternativas estavam divididas em nada importante, pouco importante, indiferente, importante e muito importante. Vinte e sete dos entrevistados responderam ser importante ou muito importante a disciplina, porém duas respostas nos chamaram bastante atenção (entrevistados “E20” e “E24”) que consideraram a disciplina como indiferente no seu processo de formação. Essas respostas de certa forma fogem do propósito do curso segundo o PPP da instituição que traz como importante: “Contribuir para formação de profissionais que tenham condição de assumir docência no campo da educação infantil e do Ensino Fundamental e coordenar experiências pedagógicas em educação formal e não formal”. (Projeto..., 2006, p.08).

Considerando a prática indissociável da teoria na formação docente diante das respostas fica a dúvida. Como aprender a relação teoria e prática sem ir a campo? Com tudo vale ressaltar que, o estágio não dá conta de experienciarmos todas as peculiaridades da educação infantil. Para Campos, Soares e Diniz (2019, p.2):

O Estágio em educação infantil se constitui num importante campo de pesquisa objetivando a produção de conhecimentos pedagógicos, colaborando para a produção de conhecimentos científicos e a reconstrução de práticas pedagógicas em favor cada vez mais do direito à educação das crianças de 0 a 5 anos. Objetivando o diálogo entre a docência e a investigação científica, o Estágio em educação infantil tem como meta articulação com a pesquisa.

O estágio da disciplina de Estágio Supervisionado II, nos permite além de aprender como atuar de maneira positiva com as crianças, nos permite também enxergar como uma mau atuação de um professor pode ser catastrófica para o processo de ensino e aprendizagem

de uma criança, como vimos no capítulo anterior e inclusive relatadas também por esses entrevistados.

Zabini, Rodrigues e Oliveira (2015, p. 02) contribuem com esse pensamento ao afirmar que:

O estágio é uma atividade curricular que existe para auxiliar na formação inicial dos/as alunos/as e que vai além de cumprir as exigências acadêmicas, possibilitando-nos uma ampliação no campo da formação enquanto/a professor/aes, já que cada vez mais há a preocupação de que o profissional que trabalha com a educação infantil esteja em um patamar teórico-metodológico suficientemente capaz de ressignificar o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Diante disso, o estágio serve-nos enquanto oportunidade de relacionarmos teoria e prática, constatando que as mesmas são indissociáveis, principalmente no que tange ao processo de mediação do conhecimento junto ao trabalho pedagógico na escola infantil.

O curioso deste questionamento é que em outra pergunta que também está relacionada com a importância da prática de estágio o entrevistado “E20” que considerou indiferente a questão de número 1, respondeu essa última como sendo importante a disciplina de Estágio Supervisionado II para o entendimento dos processos de aprendizagem das crianças pequenas. O que evidencia uma contradição. Já a entrevistada “E24”, que também considerou o estágio indiferente para sua formação, quando perguntada sobre a relevância do curso de pedagogia na atuação enquanto/a professor/a da educação infantil, considerou muito importante. Entendendo que o curso de pedagogia inclui a disciplina de Estágio na educação infantil, essa resposta também pode ser considerada de certa forma uma contradição.

A pergunta de número dois consiste em saber se os estudantes de pedagogia da UFPB, “consideram relevante para a atuação como professor/a da educação infantil a formação no curso de pedagogia ”.

Dos/as entrevistados/as apenas um/a considerou importante os demais foram unânimes em responder que consideram muito importante. Essa resposta se coaduna com o que diz Azevedo (2013, p. 93): “O trabalho do/a professor/a visa o desenvolvimento dos/as alunos/as como pessoas, nas suas múltiplas capacidades e não apenas a transmissão de conhecimento. Isso implica uma atuação profissional não meramente técnica, mas também intelectual e política”. Essa atuação que foge do tecnicismo e passa a atuar no campo intelectual passando pela esfera política, só chega a se concretizar com o curso e formação superior, no qual os

estudantes passam por várias disciplinas ministradas na sua maioria por professores/as doutores/as, que tem um conhecimento profundo naquilo que trabalham com os/as seus/uas alunos/as contribuído assim para uma formação mais sólida, além de os/as alunos/as contarem com projetos de extensão, seminários, grupos de pesquisa e etc. Tudo isso de certa forma contribuí para uma formação mais crítica e menos técnica.

É sabido que a unidade educacional não é de forma alguma homogênea, encontram-se ali crianças de raças, gêneros, classes sociais e principalmente com diferentes níveis de aprendizado que carecem de um/a professor/a preparado/a e apto/a a perceber quando uma criança precisa ser acompanhado mais de perto por um outro/a profissional, como por exemplo um/a psicólogo/a, um/a assistente social e etc. É necessário um olhar sensível sobre a criança nesse período de suas vidas, talvez seja esse o único ambiente em que alguém percebe suas dificuldades de aprendizado e pode fazer algo para ajudá-las. Olhar esse que só o/a profissional com formação ampla, para além do tecnicismo é capaz de depositar sobre esses/as pequenos/as. O PPP (Projeto..., 2006, p. 14) do curso de pedagogia evidencia tais habilidades, competências e atitudes traz alguns pré-requisitos que devem ter este profissional. Entre eles nessa perspectiva se destaca:

Compreender, cuidar, educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, físicas, psicológicas, intelectual, social. Reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais e afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas.

Sabemos que o curso de pedagogia pode ser insuficiente para um profissional adquirir todas as habilidades e competências necessárias, entendemos também que para abarcar tudo, o curso teria que ser bem mais extenso e talvez não atraísse tantos/as profissionais, dessa forma podemos observar as inúmeras especializações que vem surgindo nesta área.

Na próxima pergunta voltada para a formação de professores/as, pedimos aos/as alunos/as que lessem uma frase e apontassem sua importância para a formação de pedagogo(a) dos mesmos. “A disciplina de Estágio supervisionado II (educação infantil) foi fundamental para o meu entendimento dos processos de aprendizagem das crianças pequenas e para que eu me sinta capaz de atuar como/a professor/a/a na educação infantil caso queira”.

Dos vinte e nove entrevistados/as, vinte e oito foram unânimes em responder que consideraram importante ou muito importante, apenas um/a participante (“E24”) considerou o estágio como indiferente em seu entendimento dos processos de aprendizagem das crianças pequenas e para que se sinta capaz de atuar como/a professor/a. Essas respostas corroboram com a importância da disciplina de estágio supervisionado em educação infantil durante a formação de professores, o quanto pode contribuir para formação de profissionais mais seguros do seu papel enquanto profissional da área. Sabemos que a educação infantil é um processo bastante dinâmico, o que dá certo para uma turma, pode não servir para outra, ou melhor essa mesma afirmação vale para a experiência singular das crianças. Sabemos que os processos de aprendizagem nessa etapa da vida são complexos e por isso anseiam de profissionais capacitados e que saibam correlacionar a teoria com a prática.

Para o desenvolvimento da criança na instituição é necessário o acompanhamento e orientação do profissional docente, e que esse tenha uma formação sólida e qualificada, quer dizer, é imprescindível que o graduando (a) construa na formação acadêmica os conhecimentos teóricos e saiba relacioná-los com a prática, possibilitando desse modo, conhecer as especificidades dessa modalidade como outras. (MONTEIRO, 2013, p. 2).

Segundo Ibiapina (2006 **apud** MONTEIRO, 2013, p. 2), “o/a professor/a precisa ter conhecimentos especializados, saberes e competências específicas, adquiridos por meio do processo de formação acadêmica.” Nesse contexto podemos inferir que é através dos processos de formação acadêmica e toda sua conjuntura, dividida entre aulas teórica e aulas prática é que os/as futuros/as professores/as saem melhor capacitados a compreenderem e intervirem em suas práticas diárias de maneira mais segura e provavelmente mais assertiva.

Nessa perspectiva podemos entender que a atividade docente é complexa e permeia por várias outras esferas, o conhecimento é dinâmico e requer profissionais capazes de acompanharem essa dinamicidade, capazes de se aprofundarem em seus estudos desenvolvendo a autonomia em sala de aula. Só a formação acadêmica de graduação pode não ser suficiente para contemplar as demandas de uma sala de aula, e/ou insuficientes para dar ao profissional toda a segurança de que ele precisa para uma melhor atuação. Assim cabe as instituições de ensino prover ao/a professor/a condições de expandir seus conhecimentos como diz o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 67):

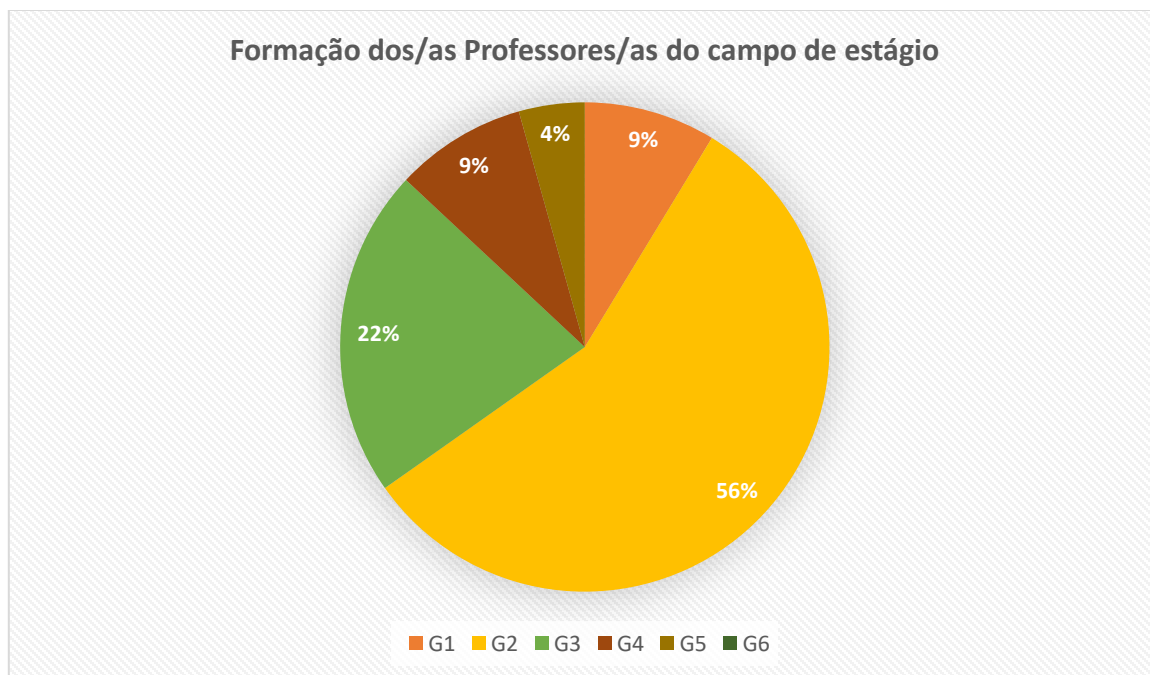
O coletivo, segundo as características apontadas acima, não pode prescindir da formação continuada que deve fazer parte da rotina institucional e não pode ocorrer de forma esporádica.

Hora e lugar especialmente destinados à formação devem possibilitar o encontro entre os professores para a troca de ideias sobre a prática, para supervisão, estudos sobre os mais diversos temas pertinentes ao trabalho, organização e planejamento da rotina, do tempo e atividades e outras questões relativas ao projeto educativo. A instituição deve proporcionar condições para que todos os profissionais participem de momentos de formação de naturezas diversas como reuniões, palestras, visitas, atualizações por meio de filmes, vídeos etc. (BRASIL, 1998, p.67).

O/A participante da pesquisa “E24” que foi dissonante dos demais provavelmente não levou em consideração esses vários aspectos mencionados acima. Esse(a) mesmo(a) participante considera o curso de pedagogia importante o que é algo positivo visto que se trata de um/a futuro/a professor/a.

A pergunta de número dez, foi a única da pesquisa aberta voltada para a formação de professores. Nela foi questionado se o/a entrevistado/a “Lembra se o/s professor/a regente da Unidade Educacional em que cursou seu estágio possuía formação superior? Qual? Na época você considerou isso relevante?”

Para uma melhor compreensão dos aspectos analisado nessa pergunta, as respostas foram divididas em quatro grupo de acordo com a formação do docente, grupo 1(magistério), grupo 2 (apenas graduação em pedagogia ), grupo 3 (graduação mais especialização), grupo 4 (graduação mais mestrado concluído ou em andamento), Grupo 5 (graduação com doutorado concluído ou em andamento) e Grupo 6 (Não lembravam da formação). Vejamos o gráfico a seguir:



*1 Gráfico elaborado pela autora*

As respostas do grupo 1 foram de duas participantes: “E15”, a entrevistada não relatou se considerou importante ou não a formação acadêmica e “E18”, a entrevistada não teve certeza da sua resposta e acrescentou “Acredito que deveria ter uma formação superior em pedagogia” (E18), a mesma não também não expressou sua opinião sobre considerar importante ou não a formação acadêmica.

No tocante a formação de professores, o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 relata a importância da formação acadêmica evidenciando ainda a necessidade da formação continuada levando em consideração a relevância do trabalho pedagógico com crianças de zero à cinco anos, contrariando a permanência de docentes apenas com magistério a frente do processo educativo nesta faixa etária.

A formação dos profissionais da educação infantil merecerá uma atenção especial, dada a relevância de sua atuação como mediadores no processo de desenvolvimento e aprendizagem. A qualificação específica para atuar na faixa de zero a seis anos inclui o conhecimento das bases científicas do desenvolvimento da criança, da produção de aprendizagens e a habilidade de reflexão sobre a prática, de sorte que esta se torne, cada vez mais, fonte de novos conhecimentos e habilidades na educação das crianças. Além da formação acadêmica prévia, requer-se a formação permanente, inserida no

trabalho pedagógico, nutrindo-se dele e renovando-o constantemente (BRASIL, 2014, p.15).

Vale ressaltar que o PNE foi elaborado pensando nas metas e no financiamento da educação, essas metas foram projetadas a serem alcançadas com o dinheiro do pré-sal, porém esse dinheiro já foi retirado nos últimos governos da educação, tendo sido vendido ao capital estrangeiro, dessa forma não haverá forma de financiar tal custo.

A LDB (BRASIL,1996) traz no artigo 61 inciso 1 (redação dada pela Lei nº12.014 de 2009)

Art.61 Consideram-se profissionais da educação básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:  
I - Professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;

Atualmente se percebe um desmonte na educação superior, que vem sofrendo cortes significativos e isso compromete a formação continuada dos professores, o cenário não favorece o cumprimento da META 15 do PNE, ficando somente no papel uma política que poderia alavancar a educação no nosso país, sobretudo a educação infantil.

Garantir em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os municípios, no prazo de um ano de vigência deste PNE, políticas nacionais de formação dos profissionais da educação de que tratamos os incisos I, II, III do art. 61 da Lei nº 9.394/1996, assegurando-lhes a devida formação inicial, nos termos da legislação, e formação continuada em nível superior de graduação, gratuita e na respectiva área de atuação. (PNE, 2014, p. 265)

Apesar da necessidade de professores/as licenciados/as e preparados/as para a mediação na educação infantil e das as suas especificidades não existe nenhum documento legal que proíba a permanência de professores/as com magistério em instituições.

O grupo 2 constituído pelos profissionais apenas com graduação em Pedagogia , foi relatado por 13 participantes dos quais três (“E26”, “E20, “E5”) contaram apenas que os/as professores/as da instituição em que fizeram o estágio tem o curso superior em pedagogia, não explicitando se consideram relevante ou não a formação destes/as em universidades.



Os/As dez seguintes deram a resposta completa, contribuindo de maneira mais efetiva com a pesquisa.

“Possui sim. É pedagoga. É importante sim, não tem como coordenar uma escola sem ter ideia quais suas necessidades”. (E.2)

“A professora possuía, ensino superior na UVA em pedagogia. Considero importante, pois se trata de um curso semipresencial, apenas aos sábados. Isso determina como a professora enxerga de modo geral a educação a educação, bem como a educação infantil, especificamente”. (E.6)

“Sim, era formada em pedagogia. Achei de suma relevância, visto que a formação é essencial para compreender o processo pleno de ensino-aprendizagem”. (E.8)

“Sim, formação em pedagogia, apesar de saber que a faculdade não nos forma plenamente no exercício da prática da função, é fundamental uma formação que nos dê caminhos para exercê-la da melhor forma possível”. (E.11)

“A professora era formada em pedagogia. Acredito que a formação é sempre importante, no entanto, nem sempre as pessoas praticam o que aprendem”. (E.16)

“Sim, era formada em pedagogia. Buscar a formação dos agentes educacionais sempre foi importante para que eu pudesse compreender suas posturas diante das demandas escolares”. (E.22)

“Sim, formação em pedagogia e magistério. Considero importante. Mas não achei sua postura condizente com as práticas que presenciei na escola”. (E.24)

“Sim, a professora possuía formação superior. É claro que deu para perceber que é o processo de formação da professora era refletido com um trabalho em sala de aula” (E.27)

“Sim, em pedagogia, achei bastante relevante”. (E.29)

É de certa forma tranquilizador saber que os/as alunos/as do curso de formação superior em pedagogia consideram importante a formação para a área em que vão atuar. O curso de graduação permite aos/às futuros/as professores/as, a prática de uma docência articulada entre os eixos da teoria e prática que permeiam a educação. Não obstante a isso a formação de professores/as no curso superior favorece a compressão da necessidade de uma autorreflexão do seu papel como educador/a, mediador/a da construção dos mais diversos saberes atribuídos as crianças até cinco anos.

Dessa forma, é fundamental que o/a professor/a compreenda o contexto educativo como um espaço propício a produção e construção de saberes onde pode ocorrer a descoberta de elementos que estão inter-relacionados a prática educativa, como atores ativos, ambiente proveniente de saberes

diversos, a possibilidade de ambos os atores interagirem através do diálogo, dentre outros aspectos, ou seja, o fazer docente presente neste lócus propicia a interação e construção de competência e habilidades. (MONTEIRO, 2013, p. 3).

Em resumo a isso, o PPP (Projeto..., 2006, p.8). do curso de pedagogia citado anteriormente traz como um dos seus objetivos a “contribuição para formação de profissionais que tenham condição de assumir docência no campo da educação infantil e do Ensino Fundamental e coordenar experiências pedagógicas em educação formal e não formal”. No tangente a competências, atitudes e habilidades o PPP cita a necessidade de o/a profissional da área de educação infantil “reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais e afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas” (Projeto..., 2006, p. 14). Nesse sentido podemos afirmar que a formação de um profissional desse nível não se dá de forma instantânea, são necessários alguns anos de sua vida dedicados ao estudo e compreensão do seu objeto educativo (as crianças).

No grupo 3, os/as estudantes entrevistados/as relataram ainda a sua opinião sobre tal formação:

“Possuía, curso superior em pedagogia e especialização em psicopedagogia. Considerei relevante para a execução de um trabalho pedagógico capaz de elucidar o imaginário e competências das crianças”. (E.10)

“Sim, formada em pedagogia e realizando uma especialização”. (E.4).

“Sim, formada em pedagogia e especialização em psicopedagogia. Formação é muito importante para a rotina em sala de aula, toda via a minha experiencia no estágio, pouco valeu a formação da professora regente”. (E.17).

“Sim, formação em pedagogia na UFPB com algumas pós-graduações, sim, considerei importante pois é o reflexo da sua prática”. (E.14)

“Sim, graduação e especialização, considerei relevante”. (E.13).

O grupo 4 é formado pelas professoras que tinham graduação em pedagogia e mestrado concluído ou em andamento:

“Sim, é formada no curso de pedagogia e havia acabado de passar no mestrado” (E.21).

“Sim, mestrado em Educação”. (E.9)

O quinto grupo foi do relato sobre os/as professores/as que possuíam doutorado: “Sim, Possuía Mestrado e estava terminando doutorado. Eu pontuei muito importante, pois o nível de conhecimento faz toda diferença no lidar com a crianças”. (E.1). Alguns estudantes responderam, que não lembravam da formação do/a professora/o, dois/uas deles/as apesar de não lembrarem consideraram importante a formação continuada dos/as educadores.

Um outro aspecto importante observado nessas respostas é que quanto mais sobe o nível de formação dos professores menor é a quantidade de professores que conseguem alcançar tal objetivo. Um impedimento para a ascensão desses professores pode estar relacionado com falta de políticas públicas que favoreçam esse cenário. Alguns/mas estudantes relataram ainda que a formação continuada do/a professor/a em outras palavras é importante, mas ainda assim, foram relatadas situações desagradáveis por parte desses profissionais no exercício de suas profissões. O que aponta que o problema da educação infantil não está apenas nas instituições, mas imbricados no ser professor de cada um.

Dessa forma percebe-se que a grande maioria dos/as alunos/as entrevistados corroboram ao que Zabini, Rodrigues e Oliveira (2015) relataram sobre o estágio, afirmando nessa perspectiva que o mesmo é um componente curricular que capacita o/a aluno/a no início da sua formação indo além das exigências curriculares, possibilitando uma maior perspectiva no que tange a formação docente, visto que é cada vez mais presente a preocupação, de que o/a profissional que trabalha com a educação infantil esteja em um nível teórico-metodológico capaz de ressignificar o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Assim partindo dessa afirmação, podemos concluir que para além de uma formação bem fundamentada e que contemple os aspectos acadêmicos se faz necessário uma continuidade no processo de conhecimento do/a professor/a, e isso se dá nas áreas de aprofundamento, como especializações, mestrados e doutorados.

No próximo tópico trabalhamos com a forma como os egressos da disciplina de Estágio supervisionado II perceberam as práticas de afetividade durante a ida ao campo de estágio. Há uma ligação entre as duas vertentes (formação e afetividade). Pois a educação infantil vai muito além de aplicar atividades e exigir que as crianças as realizem de forma “mecânica” ou mesmo sem nem noção do por que e/ou para que estão fazendo isso.

Entendendo que a prática docente está diretamente ligada ao cuidar e ao educar, proporcionando as crianças pequenas momentos em que, possam elas mesmas construir seus saberes, com a exploração e experimentação que é natural dessa faixa etária, percebemos o quanto se faz necessário profissionais bem preparados, com formação acadêmica direcionada a esse público. Sendo assim capazes de mediar as situações levando os/as pequenos/as a terem prazer em estar naquele ambiente, visto que, é onde eles/as passam boa parte dos seus dias. Para que o/a profissional que está a frente do processo educativo obtenha bons rendimentos por parte das crianças é necessário que sua prática seja condizente com tal público, é necessário que esse/a professor/a seja capaz de trabalhar com a afetividade acolhendo as crianças e fazendo-as se sentirem participes do processo de construção dos seus conhecimentos. A seguir apresentamos nossas considerações a respeito da temática da afetividade.

### 3.2 A PERSEPÇÃO DA AFETIVIDADE PELOS FUTUROS/AS PEDAGOGOS/AS

Afetividade na educação infantil tem estado em bastante evidência nos últimos anos. E é nesse sentido que a pesquisa vem mostrar, como essa prática foi percebida durante o estágio dos/as futuros/as professores/as. O estudo desse tema chama a atenção para a importância da afetividade na educação infantil e tem como eixo norteador a percepção dos egressos do curso de pedagogia sobre o tema nas suas práticas de estágio. As questões voltadas para essas análises como dito anteriormente foram as 3, 4, 5, 6, e 9. Começando pela questão três que pergunta: “Na educação infantil, você considera necessário que os/as professores/as possuam práticas pedagógicas que integrem a afetividade e os processos de aprendizagem”? É possível perceber que os participantes “E1” ao “E29”, foram unânimes em responder que consideram importante ou muito importante, essa resposta confirma que existe uma consciência sobre a relevância do assunto, que também está presente em documentos oficiais que regem a educação infantil usados para fundamentação de tal pesquisa.

[...]O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados. (BRASIL, 1998, p. 24).

É importante que os/as pedagogos/as tenham essa percepção sobre o assunto, visto que o ato de educar na educação infantil está entrelaçado com a prática do cuidar, e esse cuidar não pode ser apenas o cuidar por cuidar, é necessário que tenha um sentido, que tenha um objetivo e que transmita para os/as pequenos/as respeito e segurança. Durante a nossa atuação no campo de estágio ficamos na sala de uma professora extremamente cuidadosa e respeitosa, com as crianças, a vivência deles era bastante tranquila, eles/as a respeitavam e era mútua a troca de afetividade e respeito. Nesse mesmo tempo pudemos observar a professora de outra sala que tratava as crianças com gritos e insultos, era perceptivo o medo e a insegurança das crianças e ao mesmo tempo eles/as a enfrentavam colocando sempre em cheque sua paciência, era notório a relação afetiva mau construída daquela docente para com sua turma. É sabido que esse tipo de postura pode intervir nas experiências tanto de aprendizado quanto sociais das crianças. Ferreira e Acioly-Régnier (2010, p. 26), nesse sentido destacam que podemos compreender a afetividade, de forma abrangente, como um conjunto funcional que emerge do orgânico e adquire um status social na relação com o outro e que é uma dimensão fundante na formação da pessoa completa. Assim, podemos perceber que a afetividade está relacionada com toda a formação do ser e que praticá-la é um fator importante no âmbito da educação infantil.

Nesse mesmo sentido a questão quatro foi formulada a fim de saber se os/as estudantes entrevistados/as “[...] consideram que a afetividade é necessária para o desenvolvimento das crianças na educação infantil”. Seguindo a mesma importância que deram a questão três, as respostas foram unânimes nas alternativas importante ou muito importante. Essas respostas vêm ratificar o que foi citado acima no arcabouço teórico desta pesquisa pelas autoras Amorim e Navarro (2012, p. 02) quando associam a afetividade na educação infantil, com pessoas felizes e mais seguras e com isso capazes de resolverem seus conflitos de maneira muito mais positiva.

A afetividade é necessária para a formação de pessoas felizes, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca, pois ela é uma importante aliada nas intenções pedagógicas, responsável por criar vínculos relevantes e imprescindíveis para o Ensino de educação infantil que deverá ser oferecido, segundo a Política Nacional de educação infantil, (2006).

É na instituição de educação infantil que as crianças passam a maior parte dos seus dias, ousamos dizer que, muitas dessas crianças passam mais tempo com os/as professores/as do que com as próprias mães ou responsáveis, é lá também que a criança recebe ou ao menos deveria receber, todo o suporte, não só para se desenvolver cognitivamente (aprender ler, escrever, contar, interpretar) mas também para se emanciparem enquanto pessoas. Assim esse ambiente que os/as pequenos/as frequentam deve lhes proporcionar segurança para propiciar um crescimento social saudável, visto que a afetividade está relacionada com todas as áreas da vida de uma pessoa. A criança precisa estar no centro do trabalho pedagógico.

No quinto quesito da pesquisa foi perguntado se os/as entrevistados/as “[...] acham importante que o/a professor/a da educação infantil tenha uma concepção de criança como protagonista do processo educativo”. Vinte e cinco dos entrevistados consideraram muito importante e quatro consideraram importante. Nessa perspectiva pensar a criança como protagonista do processo educativo é permitir que essa desenvolva suas habilidades e competências, dando lhes todo apoio necessário e mediando experiências nas quais possam explorar suas fantasias e aflorar toda sua criatividade. Quando relacionamos o termo cuidar a educação infantil, não compreendemos apenas o cuidado físico, esse não menos importante, também deve estar presente, mas, nos referimos também ao cuidado com aquilo que vai ser ensinado ao outro e como vai ser ensinado, ou o cuidado com aquilo que vamos permitir que o outro aprenda com suas próprias experiências, lhe possibilitando sempre um terreno fértil a colhida dos frutos do aprendizado.

[...] A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. (BRASIL, 1998, p. 24).

Sendo assim essas respostas soam como satisfatórias vindo de futuros/as educadores/as da área da educação infantil que terão o desafio imenso tanto de mediar o conhecimento por eles transmitidos como mediar as experiências próprias das crianças.

“Durante o estágio, você considerou como importante para o desenvolvimento das crianças trabalhar as relações afetivas”? Essa foi a pergunta seis do questionário aplicado. As respostas também se mantiveram como importantes e muito importantes. As relações afetivas se constroem em toda vida da criança, e estão relacionadas tanto com a construção do eu como com a relação harmônica com o outro. Dos vinte e nove entrevistados/as, vinte e oito consideraram importante ou muito importante para o desenvolvimento infantil trabalhar as relações afetivas. O que nos chamou a atenção foi um/a dos/as entrevistados/as, “E7”, considerar indiferente. Tal estranheza na resposta se caracteriza por anteriormente em outras questões envolvendo a afetividade e sua importância para o desenvolvimento infantil como todo, esse/a mesmo/a aluno/a considerou importante ou muito importante.

É preocupante um/a futuro/a professor/a de educação infantil não considerar importante para o desenvolvimento das crianças trabalhar as relações afetivas por ser no ambiente educacional que as crianças menores passam muito tempo dos seus dias, é que deve se haver um investimento maior na formação da personalidade, como já foi citado anteriormente essa prática contribui também para uma melhor convivência com o outro, visto que muito do comportamento da criança nessa fase da vida é reflexo do que elas vivem e de como os adultos se relacionam com elas. É muito comum na educação infantil, tratar as crianças com gritos e insultos, essa prática não parte apenas do/a professor/a, mas também de outras pessoas envolvidas no processo de cuidar e educar das crianças. Como depois pode ser cobrado dessa criança que tenha boas práticas afetivas na sua relação com a educação e com o outro pertencente a essa instituição?

A Unidade Educacional<sup>1</sup> acaba sendo vista como um lugar de sobrevivência, um “salve-se quem puder”. Para reiterar esse pensamento os autores acima citados trazem importantes contribuições.

---

<sup>1</sup> Atualmente cursamos a disciplina de Estágio Supervisionado III Ensino Fundamental, em uma turma de 1º ano, em uma escola municipal de João Pessoa, algo que nos chamou muito a atenção é a relação que as crianças tem com o outro, sempre uma relação de disputa, de autodefesa, embora a professora as tratem de maneira respeitosa e transmita muita afetividade tanto no ato de ensinar quanto na relação com eles, percebe-se que é algo que já está impregnado neles, esse comportamento

Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois é possível afirmar que estão diretamente relacionados com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Dessa maneira, pode-se supor que tais experiências vão marcar e conferir aos objetos culturais um sentido afetivo. (LEITE; TANSONI, 2002, p. 03).

Nesse sentido observamos que a afetividade não é dissociada da prática educativa e que por meio das trocas afetivas é que se começa o processo de cuidar e educar e essa relação afetiva sendo bem construída nessa fase da vida ela se refletirá por toda vida escolar da criança e até mesmo em outras relações extraescolar.

Concordando com Leite e Tanson (2002), a autora Cerizara (1997, p. 45) acrescenta que:

A vida intelectual requer alguns instrumentos necessários à sua realização, tal como a linguagem, que é construída na vida social. Sendo a vida emocional o primeiro terreno das relações interindividuais de consciência, ela é também uma das condições necessárias à vida intelectual. Emoção e inteligência mantem contínuas relações.

Nessa perspectiva, compreendemos que a criança mais bem estruturada emocionalmente é a mesma com mais facilidades de lidar com os obstáculos da aprendizagem e consegue mais facilmente transitar no terreno da inteligência.

Na pergunta de número oito foi questionado se “Durante o estágio na educação infantil, o estagiário percebeu práticas no âmbito da afetividade realizadas pelas crianças e/ou pelos professores? e pede para citar um exemplo”. As respostas foram variadas para uma melhor análise e compreensão separamos as respostas em três grupos: Grupo 1, práticas pontuais; Grupo 2 não perceberam práticas no âmbito da afetividade e Grupo 3, práticas positivas.

---

tanto é reforçado nas relações familiares como podem também ser heranças de um processo educativo mau construído durante a Educação Infantil.



Algumas respostas do grupo 1 nos chamaram a atenção por ser um cuidado muito comum e corriqueiro, que, mesmo não sendo um/a professor/a da educação infantil “conhecedor/a” do seu papel enquanto profissional faria o mesmo.

“Poucas vezes um abraço”. (E.2)

“Sim, no momento em que a professora recebe um a um dos seus alunos com abraço” (E.9)

“Sim, sempre os professores recebiam e normalmente de despediam dos/as alunos/as com demonstrações de afeto”. (E.11)

“Sim, um aluno chegou doente e percebi que a mesma se preocupou com seu estado de saúde”. (E.18)

“Sim, a acolhida no início das atividades”. (E.25)

“Sim, a professora sempre fazia uma atividade para os/as alunos/as se aproximarem”. (E.26)

“Sim, porém a afetividade trabalhada de forma negativa. Infelizmente havia muita rispidez por parte dos professores em relação aos/as alunos/as (as)”. (E.23)

Essas respostas nos mostram como em determinados momentos a importância da afetividade passa despercebida. Mesmo sendo uma temática tão importante. Contrapondo a isso Cerisara (1997, p. 47) diz que: uma das características do desenvolvimento da pessoa na construção do eu “é entendido como um processo de diferenciação e de individuação que envolve dois níveis: o eu do outro (exterioridade) e o das funções internas (afetividade/cognição, sensório/motor tônico e cinético)”. Nessa perspectiva podemos afirmar que para construir relações saudáveis com o/a outro/a é importante um reconhecimento do eu com aspectos afetivos sólidos.

As respostas do grupo 2 fogem totalmente das expectativas esperadas em se tratando de profissionais que supostamente conhece ou deveriam conhecer o que diz os documentos legais com relação a afetividade na educação infantil.

“Não houve nenhuma prática no âmbito afetivo” (E.3).

“Infelizmente não” (E.4)

“Durante meu estágio supervisionado não percebi o desenvolvimento no campo afetivo como posto de partida do/a professor/a, porém as crianças careciam dessa potencialidade” (E.5).

“A dimensão do cuidado na educação infantil, abarca a afetividade. No entanto esta afetividade é mau conduzida, confundindo afeto íntimo e afetividade, como um elemento importante na prática pedagógica com crianças pequenas, a afetividade não foi realizada de forma adequada,

muitas vezes reproduzindo dependências emocionais similares com a família”. (E.6)

“Não percebi, pelo contrário, achei bem ríspida e me mostrou como não ser com meus alunos”. (E.7).

“Mais das crianças do que das professoras. Por vezes pude presenciar crianças abraçando a professora, porém sem reciprocidade”. (E.17).

“Durante o estágio vivenciado não presenciei práticas entre alunos/as e professora relacionada a afetividade. Contudo, apesar de considerar a formação dos estagiários para o curso de pedagogia muito descontextualizada, tentei ao máximo aproximar-me das crianças. Mas exatamente pelo formato do estágio, acredito que não tenhamos tempo e até mesmo espaço para tal”. (E.24).

Dentre outras respostas, essas acima citadas foram as que mais nos chamaram atenção. Podemos inferir através das respostas dos entrevistados que, vai de encontro com o que diz os documentos oficiais que regem a educação infantil como o RCNEI (BRASIL, 1998, p.24):

As atitudes e procedimentos de cuidado são influenciadas por crenças e valores em torno da saúde, da educação e do desenvolvimento infantil. Embora as necessidades humanas básicas sejam comuns, como alimentar-se, proteger-se etc. as formas de identificá-las, valorizá-las e atendê-las são construídas socialmente. As necessidades básicas, podem ser modificadas e acrescidas de outras de acordo com o contexto sociocultural. Pode-se dizer que além daquelas que preservam a vida orgânica, as necessidades afetivas são também base para o desenvolvimento infantil.

Assim observa-se que há uma preocupação em direcionar a educação infantil pelo caminho afetivo, no qual as crianças se sintam valorizadas, respeitadas e principalmente participes do processo de educar. É difícil de imaginar o que leva um profissional da área da educação infantil não retribuir um abraço como citado acima, é contraditório por parte desse/a professor/a exigir que essa criança seja respeitosa com seus/uas coleguinhas de sala e com ela mesma, da mesma maneira que é uma contradição por parte do/a professor/a também não incentivar práticas no âmbito da afetividade e esperar um bom desenvolvimento cognitivo e social por parte das crianças.

O grupo 3 que compreende as práticas positivas, obtivemos respostas tais como:

“Reconhecimento das crianças como protagonistas do processo de aprendizagem” (E.10).

“Sim, se considerarmos a afetividade não como a ideia romântica de “devo amar crianças pequenas” e sim como um sentimento de comprometimento com o ser humano. Ex; A professora do estágio de que fiz parte conhecia profundamente (e levava em consideração na sua práxis) a realidade das crianças de sua turma”. (E.13).

“Sim, acolhimento emocional em momentos da vivência importantes para a criança”. (E.22)

“Sim no estágio no CREI, foi possível observar que o cuidar e o educar eram indissociáveis. A professora tinha carinho por cada criança e esse carinho as deixavam mais contentes e dispostas na realização de atividades dirigidas, pois de certa forma elas se sentiam vistas e ouvidas” (E.29).

Assim sendo, podemos afirmar que tais práticas contemplam os estudos de Wallon 1978 **apud** LEITE; TANSONI, 2002, p. 8) quando o mesmo se refere a afetividade afirmando que: “a criança acessa o mundo simbólico por meio das manifestações afetivas que permeiam a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam. Defende que a afetividade é a fonte do conhecimento”. Nessa perspectiva a afetividade ganha contornos de extrema relevância sendo essencial para um desenvolvimento completo e saudável da criança.

Para a questão nove, última questão voltada para a afetividade, foi traçado um método para melhor compreender as respostas, também dívidas em três grupos, a saber: Grupo 1, violência entre as crianças; Grupo2, violência do adulto para com a criança. (corporal ou não corporal) e Grupo3, a não violência. A pergunta se referia à possível violência que alguma criança tenha vivido e a reação: “Durante seu estágio, você presenciou algum ato de agressividade e/ou violência (verbal ou física) pelos/as agentes educacionais (professores/as, porteiros/as, merendeiras, secretárias, cuidadores/as etc.). contra criança na educação infantil? Qual? Como essa criança reagiu?”

As respostas para essa pergunta foram chocantes e confessamos que nos deixaram com uma mistura de revolta, indignação e vontade de fazer diferença na minha prática pedagógica.

A resposta do grupo 1 que se refere a violência de criança contra criança, foi apenas uma e ainda assim dentro de um contexto de violência de um adulto contra criança.

“Já pude presenciar um ato agressivo, pois uma vez quando estava estagiando, uma criança estava agitada e tinha batido na professora e no mesmo dia mordido um colega, logo, uma outra funcionária segurou

fortemente no braço da criança para que ela olhasse nos olhos dela, porém ela ficou ainda mais agitada”. (E.8)

As respostas do grupo 2 que se direcionam a violência do adulto para com a criança. (se corporal ou não corporal), foram bastante impactantes.

Corporal:

“Sim, professora que empurrou um aluno de 3 anos quando este demorava a caminhar em direção ao pátio. A criança chorou e ficou em estado de desamparo diante da situação.” (E.22)

“sim, a própria professora em sala de aula segurar o aluno pelos braços e gritar com ele. A criança reagiu com mais agressividade.” (E.17)

“Sim, como por exemplo acordar a criança com agressividade, à puxando pelo braço para que ela se levantasse” (E.16)

“sim, gritos e puxões pelo braço. A reação da criança era chorar e posteriormente ficavam quietas no lugar” (E.25)

“Sim, apelidos ofensivos, gritos e pegar na mão forte”. (E.3)

Não corporal:

“Sim, A professora de uma outra turma no momento de conversa com a turma onde fiquei, incomodada com o barulho bateu na mesa e gritou: - Calem a boca! As crianças ficaram assustadas e amedrontadas. E as professoras começaram a rir do ocorrido. Essa situação chocou-me bastante. Ao CREIS e a realidade que existe lá, são muito descontextualizados com muito do que estudamos”. (E.24)

“Sim, levantar uma criança do chão no momento em que ela estava dormindo para coloca-la de imediato na fila para ir tomar banho. Ela não teve nenhum cuidado em acordar a criança e de todo jeito a acordou. A criança acordou muito assustada sem saber o que estava acontecendo”. (E.23).

“Sim, em uma das regências a professora ficava o tempo inteiro pedindo para que as crianças não saíssem de seus lugares, pois quem não fizesse isso, teria os objetos pessoais tomados, exemplo, a bolsa”. (E.20)

“Sim, muito comum, com gritos, adjetivos violentos, preconceituosos. As crianças reagem ou de maneira passiva, chorando, ou agressiva, com as outras crianças ou professora”. (E.6)

“Sim, a cuidadora ficou irritada com o comportamento da criança e com isso retirou dela o seu lanche e pediu para a mesma sentar no chão”. (E.5).

“Sim, mandar uma criança com piolho se levantar e afirmar: “Pronto, aquela ali tem piolho”. A criança ficou sem graça com a situação”. (E.18)

“Sim, chamando a criança de bolinha, a criança chorou”. (E.2).

No desenvolvimento desta pesquisa foram observadas atitudes por parte de professores/as que não condizem com as práticas que deveria ter um/a professor/a de educação infantil, são práticas violentas que não respeitam a infância e não se importam com a influência que pode exercer sobre a criança em formação.

Os professores, como sujeitos mais experientes nessa relação de ensino, devem ter consciência de que todas as suas ações interferem no processo de desenvolvimento da criança. A violência é expressa como uma ação transgressora dos direitos da criança em todos os sentidos, seja institucional, pedagógica, institucional, de liberdade ou de respeito. Entretanto, a ação do/a professor/a atinge de forma direta a ação de sujeitos que estão em etapas diferentes de desenvolvimento, mas que possuem a mesma condição humana e de sujeito que se constitui a partir do meio. (SILVA,2016, p. 111).

O/a professor/a que empurra uma criança, que aperta sua mão, ou mesmo que a expõem por uma condição menor seja mangando ou apelidando, não está preocupado/a naquele momento com o todo que ele/a representa na formação daquele/a pequeno/a, tais atitudes evidenciam um descaso com o processo de formação dos/as mesmos/as, que por sua vez não estão ali , apenas para aprender, mas também para construir uma convivência social. Será que o cansaço, preocupação, falta de reconhecimento da profissão, condições ruins de trabalho, mal remuneração, obrigando os/as professores/as a terem mais de um emprego e se esgotarem ainda mais fisicamente, justificam tamanha violência e falta de compromisso? Sobre essa questão Silva (2016, p.113) afirma que

Todo ser humano é um ser histórico, e cada ação dele, por menor que seja, está diretamente ligada a um contexto marcado por condições sociais diversas e transformadas nas relações econômicas. Nesse âmbito a educação como ação humana, precisa ser analisado de forma a não esquecer o passado, mas ressignifica lós as ações futuras. O/a professor/a dentro desse cenário, precisa ter uma visão crítica ao analisar o passado, criar novas formas e definir novos ritmos que torne o trabalho menos alienante e mais significativo, tendo, como ponto essencial a afetividade.

A afetividade nesse sentido faz o trabalho inverso a essa situação de estresse causada nas crianças, deixando-as mais seguras e capazes de desenvolver situações de maior prazer em estarem na instituição, na convivência de adultos que não são os seus familiares, esse estado de tranquilidade e respeito que as crianças vivenciam acabam voltando para o/a

professor/a de modo a permitir que as situações fluam mais levemente no contexto educativo. Segundo Codo (1999 **apud** SILVA 2016, p. 113) “A afetividade é o ‘catalizador’ para que a função de construção de conhecimento seja efetivada na relação professor(a)/criança”.

Diante disso e analisando as respostas fornecidas pelos/as estudantes do curso de pedagogia, podemos inferir que há um descompasso sobre o que estudamos na universidade e o que está sendo aplicado, pois muitos/as dos/as professores/as com práticas tão negativas passaram pela formação acadêmica, e até mesmo na própria UFPB, haja vista que nossa prática de estágio é sempre fundamentada em autores que dizem exatamente o contrário dessas práticas. E para além das atividades os/as professores/as têm o compromisso com os documentos oficiais que regem a educação infantil. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, s/p) diz que “A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada”. Esse momento para as crianças já é difícil o bastante. É nesse sentido que como futuros/as professores/as que devemos pensar em propiciar um ambiente o mais seguro possível para esse público.

A exemplo disso temos as respostas do grupo 3, que relataram não ter havido violência, seguindo a orientação do documento acima citado.

Dos nove entrevistados que dissera não ter havido violência, dois me chamaram mais atenção por terem relatado práticas positivas nesse contexto.

“Nunca, em todos os momentos sempre foram tratados com respeito”. (E.1)  
 “Não, a Sede de Educação Básica tem uma equipe bem preparada pedagogicamente diante dos conjuntos cotidianos”. (E.21)

Essas respostas são condizentes com o que se espera de um/a profissional da educação infantil que percebe a crianças como protagonistas do processo educativo, no qual suas relações afetivas são construídas de maneira a lhes proporcionarem um ambiente que o acolham e auxiliem nas suas novas experiências.

No próximo capítulo findamos nossos estudos sobre o tema com as considerações finais, apontando de que maneira a construção desse trabalho contribui com nossa formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desse trabalho contribui para nossa formação enquanto futuras pedagogas, porque elucidou a importância de uma disciplina fundamental para o contexto em que vamos atuar, a disciplina de Estágio Supervisionado II na educação infantil, abrindo um discurso importante sobre os sujeitos desse processo e nos levando a entender o papel e a importância de cada um para a educação infantil.

Tendo trabalhado com crianças pequenas nos últimos três anos da faculdade como auxiliar de sala em uma escola particular de João Pessoa, podemos observar várias práticas por parte de professores/as que nos chamaram a atenção positivamente e negativamente, nesse contexto consideramos de grande relevância a teoria da afetividade que pode tornar o ato de cuidar e educar crianças pequenas, mais responsável e comprometido com a formação integral delas. As informações depositadas neste texto nos ajudaram a compreender com mais clareza a importância da afetividade e como ela está presente afim de não cometer o erro de confundir afetividade e sentimento.

Ao analisarmos documentos importantes que regem a educação infantil foi unanime encontrar, o ato de cuidar atrelado ao ato de educar, ou seja, duas palavras na educação infantil indissociáveis, no RCNEI (BRASIL, 1998) encontramos que o desenvolvimento integral da criança está atribuído tanto ao cuidar como ao educar e o mais importante, de que maneira esse binômio é executado na relação do adulto com a criança, de que maneira ele pode contribuir para emancipação infantil. O cuidado está entrelaçado não apenas com a parte da higienização das crianças, esse cuidar pode ter um olhar mais sensível e servir para ajudar a criança a desenvolver capacidades dando-lhes oportunidades de experiências variadas. As habilidades cognitivas não devem ser o único foco do educando nesse processo, Amorim e Navarro (2012) contribuem com esse pensamento ao afirmarem que a afetividade é indispensável para a construção de habilidades sociais que contribuem para a formação de uma pessoa mais capaz de lidar com as adversidades que por ventura possam lhe atrapalhar no processo cognitivo. Se essas crianças não sentirem confiança nos profissionais que as cercam de que maneira vão estar feliz e aptas ao aprendizado? Se não se sentirem acolhidas como vão querer voltar a esse ambiente no dia posterior? Os gritos, puxões, palavras

destrutivas ou exclusão de uma criança ou até mesmo exposição indevida, como vimos nos relatos dos/as estagiários/as não contribuem para uma aprendizagem efetiva das crianças, visto que as situações de conflitos que os/as pequenos/as por ventura possam vivenciar podem travar o desenvolvimento cognitivo e social, levando essa criança até mesmo a desenvolver problemas nos anos posteriores da escolarização.

Para uma educação infantil de fato transformadora e capaz de contribuir com o completo desenvolvimento infantil é preciso pensar na criança como protagonista desse processo, como personagem principal nas práticas educativas, sendo capaz de pensar em proporcionar experiências diversas tanto no campo cognitivo quanto no campo afetivo. Esta pesquisa nos ajudou a perceber como a figura do/a professor/a pode ser importante e decisiva na vida dessas crianças, como também pode tomar atitudes que podem traumatizar as crianças. Como futuras professoras após realizar este trabalho nos sentimos um pouco mais preparadas para lidar com as diversas situações que enfrentaremos no dia a dia nos CREIs, sobretudo no tangente a afetividade.

Tivemos como objetivo principal nesse trabalho refletir de que maneira os/as estudantes de pedagogia percebiam as práticas de estágio no âmbito da afetividade na educação infantil. Como a afetividade não é um processo dissociável do contexto educacional, para falar dela mostramos também, uma reflexão da disciplina de Estágio na educação infantil para a formação docente. Para tanto, no primeiro capítulo foi apresentado a introdução e nela os motivos que me levaram a escolher esse tema, que dentre outros foi o nosso período de Estágio na educação infantil, nesse CREI onde realizamos o estágio nos deparamos com situações que marcaram nossa trajetória acadêmica. Foram práticas que contribuíram sem dúvidas com a nossa formação, umas nos ensinaram como ser uma professora e contribuir com a formação dos/as meus/inhas futuros/as alunos/as e outras práticas nos mostraram como nunca atuar, evidenciando seus aspectos negativos sobre a criança.

No segundo capítulo, a discussão girou em torno dos teóricos sobre a temática. O mesmo foi dividido em duas partes. A primeira tratamos de discutir a importância da afetividade na educação infantil, para uma melhor compreensão acerca do assunto trouxemos autores que contribuíram com essa explanação. Ferreira e Acioly-Régnier (2010) que contribuíram sobre a ótica walloniana, destacando a importância da afetividade no processo



de desenvolvimento da personalidade da criança. Amorim e Navarro (2012) e Cerizarra (1997) contribuíram ao tratar da relação da vida intelectual, social e afetiva referindo-se também as características do desenvolvimento da pessoa que levará à construção do Eu. Nesse capítulo, vimos ainda as contribuições de Leite e Tanson (2002) que relacionaram os fenômenos afetivos com as ações do meio sociocultural, esses autores contribuíram também quando trazem afirmações de Wallon sobre a criança e o mundo simbólico. Essa primeira parte do capítulo dois trouxe referências dos documentos oficiais no que diz respeito a esta temática, entre eles a LDB (BRASIL, 1996) e o RCNEI (BRASIL, 1998) nos permitindo uma discussão mais ampla e relevante acerca do tema.

A segunda parte do capítulo dois foi permeada por uma discussão sobre a importância da disciplina de estágio supervisionado na educação infantil para a formação docente. Aqui levamos em consideração o PPP do curso de pedagogia da UFPB que trouxe alguns dos seus objetivos para formação docente, bem como analisamos também as competências, atitudes e habilidades que devem ter o/a profissional da área de educação infantil. Levamos em consideração ainda a ementa do curso, com seus objetivos para a disciplina. Dentre os autores que dialogamos ao longo deste capítulo está a Azevedo (2013), que traz a importância da formação docente para lidar com crianças pequenas, afastando a educação infantil de um modelo tecnicista que colocam as crianças todas em um mesmo patamar e usam uma única fórmula para educá-las, não levando em consideração suas especificidades. Essa autora nos levou também a fazer um breve percurso histórico a respeito da infância e seus direitos adquirido após a constituição de 1988 bem como, um curto histórico sobre a trajetória da formação docente nos anos anteriores.

Este capítulo é finalizado chamando a atenção para a importância da mudança de paradigma na formação docente, que emerge da formação “instrumental”, para outra, que priorize a produção de “conhecimentos e a autonomia”, nesse sentido podemos afirmar que a teoria e a prática são igualmente importante, uma nos capacita em entendimento teórico a respeito do que estamos fazendo e principalmente do sujeito que vamos trabalhar, nesse caso, a criança, nos permitindo entender como funciona seus processos psíquicos para melhor podermos agir na construção do conhecimento. A outra nos aproxima da realidade das nossas crianças, só com a vivência em CREIs é que podemos conhecer efetivamente as reais situações dos infantis, e seus contextos sociais para assim sabermos qual caminho vamos

conseguir trilhar para que essas crianças sejam acolhidas devidamente com prática afetivas que e lhes possibilitem o aprendizado.

No terceiro capítulo, realizamos a análise da nossa pesquisa afim de refletir a importância da disciplina de estágio supervisionado II para a formação docente e refletir sobre como os egressos da disciplina perceberam as práticas de afetividade durante a ida ao campo de estágio. Na primeira parte da pesquisa que compete a formação docente analisamos as respostas do questionário fazendo um diálogo com os autores apresentados bem como os documentos oficiais que regem a educação infantil. Nas respostas dessa pesquisa voltadas para a formação de professores, podemos perceber que nas instituições de educação infantil da cidade de João Pessoa temos docentes de formação variada que vai desde o magistério até o doutorado, a maioria dos/as alunos/as entrevistados consideraram importante que esses/as profissionais tivessem acesso a uma formação inicial e continuada.

Assim podemos afirmar que a formação docente se faz necessário e por sua vez precisa ser vista de forma mais cuidadosa com políticas mais voltadas para atender essa necessidade, visto que ,quanto melhor o/a profissional for preparado, mais capaz ele/a vai estar para contribuir com a formação não só cognitiva, como também da inúmeras habilidades e competências que a criança possa desenvolver. O cenário da educação no Brasil atualmente não é dos mais favoráveis, visto que a desvalorização do/a professor/a faz com que cada vez mais a educação vá perdendo sua visibilidade, podendo ser percebida como uma carreira fadada ao insucesso. Os investimentos nessa área também são cada vez mais escassos, dessa forma os/as novos/as profissionais terão um desafio ainda maior pela frente, é preciso que tenhamos essa consciência e procuremos caminho para driblar o desanimo diante dos fatos.

Nos questionamentos voltados para a percepção dos/as entrevistados/as das práticas afetivas no campo de estágio, umas foram um tanto quanto impactantes negativamente, outras respostas atenderam ao que se esperava de um/a educador/a da educação infantil, nos quais relataram que perceberam práticas afetivas tanto no ato de cuidar como no de educar. As respostas impactantes chamaram a atenção, no qual os/as estudantes relataram desde agressões verbais até mesmos físicas, isso nos abriu a percepção para um modelo de educador/a que não contribui para a emancipação das crianças, muito pelo contrário, dificultam seus processos de aprendizagem e contribuem para um ambiente de medo e

violência na unidade educativa gerando nessas crianças uma insegurança que pode lhes acompanhar por toda a sua trajetória escolar.

Esperamos com essa pesquisa contribuir para uma melhor percepção dos/as estudantes de pedagogia no tangente tanto a formação continuada, quanto a afetividade no processo educativo. Que esses/as profissionais tenham consciência de sua importância para a infância e procurem nos estudos argumentos que fundamentem práticas condizentes com seu público, que sejam vistos como multiplicadores de conhecimento e de boas ações com as crianças levando a elas a oportunidade de explorar o mundo em que vivem de maneira positiva e ao seu desenvolvimento integral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Márcia Camila Souza de; NAVARRO, Elaine Cristina. **Afetividade na educação infantil**. *Interdisciplinar*: Revista Eletrônica da Univar, n. 7, p. 1-7, 2012

AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. **educação infantil e formação de professores**: para além da separação cuidar-educar. São Paulo: Unesp, 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal: 1996.

\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_. **Lei n. 12.014** de 6 de agosto de 2009. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < <https://www.planalto.gov.br/L12.014.htm> >. Acesso em: 5 ago. 2019.

\_\_\_\_. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: < <https://www.pne.mec.gov.br/htm> >. Acesso em: 08 ago. 2019

\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**: educação infantil. Brasília: MEC, 2018

BRENNAND, Eládio José de Góes; MEDEIROS, José W. De Moraes; FIGUEIREDO, Maria do Amparo Caetano de. **Metodologia científica na educação a distância**. João Pessoa; UFPB, 2012.

CAMPOS, Kátia Patrício Benevides; SOARES, Luisa de Marillac Ramos; DINIZ, Andresa de Souto. **Estágio supervisionado na educação infantil: Campo Essencial na Formação do Pedagogo**. *Laplage em Revista*, Sorocaba, vol.5, n.1, jan.- abr. 2019, p.95-107.

CERISARA, Ana Beatriz. A psicogenética de Wallon e a educação infantil. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 35-50, jan. 1997.

FEREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. *Educar*, Curitiba, UFPR, n. 36, p. 21-38, 2010.

LEITE, Sergio Antônio da Silva; TANSSONI, Elvira Cristina Martins. A afetividade em sala de aula: As condições de ensino e a mediação do/a professor/a. In: AZZI, Roberta Gurgel; SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão (Org.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MONTEIRO, Adriana Lima. Estágio supervisionado na educação infantil: Implicações na Formação Inicial. **Pontifícia Universidade Católica do Paraná**. Curitiba, p. 23349-23357, 2013.

**Plano de Curso**. Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 11. Jul. 2018.

**Projeto Político Pedagógico**. Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, out. 2006. < <https://www.sigaa.ufpb.br/htm> >. Acesso em: 04 jul .2019

SILVA, Juliana Pereira da. **Violência na educação infantil: Apreensão dos Sentidos e Significados Docentes**. Campina Grande. 2016. p. 110-115.

ZABINI, Franciele Oliveira; RODRIGUES, Gabriela Ribeiro; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. Relato de Experiências a Partir do Estágio supervisionado em educação infantil da Universidade Estadual de Londrina. **XVI Semana da Educação VI simpósio de Pesquisa e pós-graduação em Educação**. Desafios atuais para a Educação p. 650-663, 2015.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado/a para participar como voluntário/a em uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), esta é uma pesquisa sobre a percepção da importância da afetividade na prática pedagógica na educação infantil pelos egressos da disciplina Estágio supervisionado II ( educação infantil) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Meu nome é Maria Barbosa dos Santos Guedes, sou a pessoa responsável, aluna do Curso de Pedagogia da UFPB. Peço a sua colaboração para a elaboração do TCC que será realizado através da aplicação deste questionário para os/as estudantes dos últimos períodos do Curso de Pedagogia da UFPB, sob a orientação da Professora Dra. Maíra Lewtchuk Espindola.

Solicitamos a sua colaboração para realização um questionário como também sua autorização, para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto, também não informaremos o turno em que a disciplina de Estágio II foi cursada. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos e/ou desconfortos para a saúde do participante da pesquisa.

Considerando, que fui informado/a dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Assinatura:

Local e data:

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

### UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

#### Questionário de Pesquisa

**Favor responder a este questionário considerando sua percepção ou opinião quanto às afirmativas, circulando o número que corresponda ao seu grau de concordância, sendo 1 para nada importante e 5 para muito importante.**

1. Qual a importância que você atribui a disciplina de Estágio supervisionado II na educação infantil para a sua formação de Pedagogo(a)?

1	2	3	4	5
Nada importante	Pouco Importante	Indiferente	Importante	Muito Importante

2. Você considera relevante para atuação como/a professor/a(a) da educação infantil a formação no curso de pedagogia ?

1	2	3	4	5
Nada importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito importante

3. Na educação infantil, você considera necessário que os/as professores/as possuam práticas pedagógicas que integrem a afetividade e os processos de aprendizagem?

1	2	3	4	5
Nada importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito Importante

4. Você considera que a afetividade é necessária para o desenvolvimento das crianças na educação infantil?



1	2	3	4	5
Nada importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito Importante

5. Você acha importante que o(a) professor(a) da educação infantil tenha uma concepção de criança como protagonista do processo educativo?

1	2	3	4	5
Nada importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito Importante

6. Durante o seu estágio, você considerou como importante para o desenvolvimento das crianças trabalhar as relações afetivas?

1	2	3	4	5
Nada importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito importante

7. Leia a frase a seguir e assinale a importância para a sua formação de pedagogo/a: “A disciplina de Estágio supervisionado II ( educação infantil) foi fundamental para o meu entendimento dos processos de aprendizagem das crianças pequenas e para que eu me sinta mais capaz de atuar como/a professor/a/a na educação infantil caso eu queira.”

1	2	3	4	5
Nada importante	Pouco importante	indiferente	Importante	Muito Importante

**As próximas três questões são para serem respondidas livremente, por favor coloque a resposta mais completa possível.**

8. Durante seu estágio na educação infantil, você percebeu práticas no âmbito da afetividade realizadas pelas crianças e/ou pelos professores? Poderia citar pelo menos um exemplo?

---

---

---

---

---

---

---

---

9. Durante seu estágio, você presenciou algum ato de agressividade e/ou violência (verbal ou física) pelos/as agentes educacionais (professores/as, porteiros/as, merendeiras, secretárias, cuidadores/as etc.) contra crianças na educação infantil? Qual? Como essa criança reagiu?

---

---

---

---

---

---

---

---

10. Você lembra se o/a professor/a regente da Unidade Educacional em qual você cursou seu estágio possuía formação superior? Qual? Na época você considerou isso relevante?

---

---

---

---

---

---

Agradecemos a sua participação.